



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS SERTÃO
LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

AYRLA DÁVILA DE AQUINO

**A TERRA DO SANGUE: O CICLO DO CANGAÇO NA SÉTIMA ARTE E NA
LITERATURA DE JOSÉ LINS DO REGO**

Delmiro Gouveia - AL

2024

AYRLA DÁVILA DE AQUINO

**A TERRA DO SANGUE: O CICLO DO CANGAÇO NA SÉTIMA ARTE E NA
LITERATURA DE JOSÉ LINS DO REGO**

Monografia de Conclusão de Curso apresentada ao Colegiado do curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa da Universidade Federal de Alagoas-*Campus* do Sertão, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Alexandre de Moraes Cunha

Delmiro Gouveia – AL

2024

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza CRB-4/2209

A657t Aquino, Ayrila Dávila de
A terra do sangue: o ciclo do cangaço na sétima arte e na literatura de José Lins do Rego / Ayrila Dávila de Aquino. - 2024.
78 f. : il.

Orientação: Marcos Alexandre de Moraes Cunha.
Monografia (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de Licenciatura em Letras. Delmiro Gouveia, 2024.

1. Literatura brasileira. 2. Cangaço. 3. Cinematografia brasileira. 4. Cinema. 5. José Lins do Rego. 6. Pedra Bonita - Romance. 7. Cangaceiros – Romance. 8. Sertão nordestino. I. Cunha, Marcos Alexandre de Moraes, orient. II. Título.

CDU: 82-311.6:791

FOLHA DE APROVAÇÃO

AYRLA DÁVILA DE AQUINO

A TERRA DO SANGUE: O CICLO DO CANGAÇO NA SÉTIMA ARTE E NA LITERATURA DE JOSÉ LINS DO REGO

Monografia apresentada à Banca Examinadora do Curso de Licenciatura Plena em Letras – Língua Portuguesa, da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, *Campus* do Sertão, como requisito final para obtenção de título de graduada em Letras.

Aprovada em 29 de agosto de 2024.

Documento assinado digitalmente
gov.br MARCOS ALEXANDRE DE MORAIS CUNHA
Data: 11/09/2024 09:53:14-0300
verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Marcos Alexandre de Moraes Cunha (Orientador)
Universidade Federal de Alagoas – UFAL

BANCA EXAMINADORA:

Documento assinado digitalmente
gov.br MARCIO FERREIRA DA SILVA
Data: 17/09/2024 12:34:02-0300
verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Márcio Ferreira da Silva (Examinador Interno)
Universidade Federal de Alagoas – UFAL

Documento assinado digitalmente
gov.br RICARDO DOS SANTOS SILVA
Data: 11/09/2024 13:19:45-0300
verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Esp. Ricardo dos Santos Silva (Examinador Externo)
Escola Municipal de Educação Básica Afrânio Salgado Lages

AGRADECIMENTOS

Chegou o momento em que as palavras se tornam pontes de gratidão tecendo laços invisíveis que unem meu coração aos que, com amor e generosidade, me acompanharam nesta jornada singular e tornaram este momento possível.

Agradeço, primeiramente, a Deus pela Sua infinita bondade e providência durante toda a minha existência e durante esses longos anos de graduação. A Ele, que me deu ânimo em meio a todo o cansaço, que me ergueu quando estava prostada e que me impulsionou a ir sempre mais alto, toda minha gratidão e amor. Sem Ele não seria possível viver, sonhar e realizar sonhos.

De forma especial agradeço à minha família: minha mãe Sebastiana, meu pai Ademilson, meus irmãos Admayse e Arthur, por terem sido os pilares que sustentaram os meus sonhos e por todas as orações e torcidas.

Ao meu estimado orientador: Marcos Cunha, que com sabedoria e gentileza guiou meus passos pelos caminhos do conhecimento acadêmico.

Aos meus companheiros de curso que estiveram ao meu lado desde aquela calourada em 2019: Jailma, Jaine, Hialen e Elivelton, por cada sorriso, cada lágrima compartilhada e pelos gestos de incentivo que alimentaram a minha determinação em cada dia de aula e em cada página desta escrita. Vocês foram a minha família quando eu precisei me ver distante da minha. O nosso laço de amizade, hoje, é muito maior do que acadêmico. Principalmente a você, Hialen, que dividiu comigo a casa, as refeições, as noites em claro fazendo trabalhos, os estágios e todas as flores e espinhos encontrada(o)s pelo caminho.

A minhas amigas do peito: Joselânia, Amanda e Claudiane, por entenderem minhas ausências, suportarem meus surtos e por cada conselho, cada palavra de encorajamento que ecoará para sempre em minha alma.

Agradeço também à minha tia Luiza e a toda a sua família, que me acolheu e me abraçou durante minha estadia em Delmiro Gouveia. Sou grata pela vida de cada um(a).

A Ana Carolina, Eliane Fábria, aos meus avós, familiares, amigos e colegas de curso e a todos aqueles que direta ou indiretamente me ajudaram a

chegar ao fim deste curso e a percorrer o corredor escuro e solitário que pode ser a escrita.

Por fim, agradeço a minha banca examinadora, nas pessoas do Dr. Márcio Ferreira e do Prof. Esp. Ricardo Santos, a todo corpo docente do curso de Letras por serem excelentes jardineiros que me ajudaram a cultivar a semente do conhecimento até que ela frutificasse, e na pessoa do diretor acadêmico Dr. Thiago Trindade, agradeço a todos aqueles que fazem o Campus do Sertão.

*Corriam os anos trinta
No nordeste brasileiro
Algumas sociedades lutavam pelo dinheiro
Que vendiam pelas terras
Coronéis em pés-de-guerra
Beatos e cangaceiros
(...)*

*Na memória da vingança
Um desejo de menino
Um cavaleiro do diabo
Corre atrás do seu destino
Condenado em sua terra
Coronéis em pés-de-guerra
Beatos e cangaceiros*

Cavalos do cão – Zé Ramalho

RESUMO

Tendo em vista que muitas são as obras cinematográficas e literárias que dedicaram seus roteiros e narrativas ao cangaço, neste trabalho, busca-se pesquisar sobre o tema cangaço presente na sétima arte e na literatura de José Lins do Rego, a fim de observar e descrever como as histórias e as marcas deixadas por esse movimento estão representadas na literatura e no cinema nacional, com maior foco na primeira, dando especial atenção aos livros *Pedra Bonita* (1938) e *Cangaceiros* (1956) que compõem o ciclo do cangaço na obra do romancista José Lins do Rego. O cangaço foi um movimento de insurgentes do sertão nordestino, se rebelando contra as injustiças e opressões locais que ficou marcado na história do Brasil, seja pelos atos de violência, narrados nas contações de histórias, oscilando entre o perfil de herói e bandido, ou pelas suas vestimentas singulares. Assim sendo, despertou-nos o interesse de analisar como os cangaceiros e o próprio cangaço são reproduzidos nas expressões de arte supracitadas, desse modo, analisando como os mitos, estereótipos e a veracidade histórica aparecem e se misturam nas produções, tendo em vista o contexto social e cultural. Para tanto, é necessário investigar como o espaço geográfico molda as experiências dos personagens influenciando suas decisões sobre o destino, observar como a figura dos cangaceiros é caracterizada nas obras *Pedra Bonita* e *Cangaceiros*, e analisar como o autor, através do resgate histórico, se utiliza da arte para fazer uma denúncia social. Para a nossa análise, fundamentamo-nos em trabalhos dedicados à temática do cangaço e de marcas deixadas pelo movimento, como a presença feminina no bando e a inovação de uma estética cangaceira, bem como em trabalhos sobre o cangaço na literatura e no cinema, como Freitas (2005), Bosi (2012), Macêdo (2014), Iokoi (2015), Alves (2017), Clemente (2020), Chaves (2018, 2021), Alves (2021), Moraes, Pordeus e Silva (2022), Silva (2022), entre outros que nos ajudaram a compreender o cangaço e sua representação. Diante da pesquisa, verifica-se que nas obras o espaço geográfico marcado pelas condições climáticas e governamentais influencia o destino dos personagens, que buscam no cangaço, ou mesmo nos movimentos messiânicos, as soluções para seus problemas, visto que não recebem assistência do Estado, o que impõe a constatação de que tanto nos filmes quanto nos livros as narrativas, mais do que contar histórias, fazem uma denúncia à negligência e opressão enfrentada pelo povo sertanejo nos séculos XIX e XX.

Palavras-chave: Cangaço; Literatura; Cinema; José Lins do Rego.

ABSTRACT

Considering that many cinematographic and literary works have dedicated their scripts and narratives to cangaço, this work seeks to research the theme of cangaço present in the seventh art and in the literature of José Lins do Rego, in order to observe and describe how the stories and marks left by this movement are represented in national literature and cinema, with a greater focus on the former, paying special attention to the books *Pedra Bonita* (1938) and *Cangaceiros* (1956) that make up the cangaço cycle in the work of the novelist José Lins do Rego. Cangaço was a movement of insurgents from the northeastern backlands, rebelling against local injustices and oppressions that left its mark on the history of Brazil, whether through acts of violence, narrated in storytelling, oscillating between the profile of hero and bandit, or through their unique attire. Therefore, we became interested in analyzing how the cangaceiros and the cangaço itself are reproduced in the aforementioned artistic expressions, thus analyzing how myths, stereotypes and historical veracity appear and mix in the productions, taking into account the social and cultural context. To this end, it is necessary to investigate how the geographic space shapes the experiences of the characters, influencing their decisions about their destiny, observe how the figure of the cangaceiros is characterized in the works *Pedra Bonita* and *Cangaceiros*, and analyze how the author, through historical rescue, uses art to make a social denunciation. For our analysis, we based ourselves on works dedicated to the theme of cangaço and the marks left by the movement, such as the female presence in the gang and the innovation of a cangaceiro aesthetic, as well as on works on cangaço in literature and cinema, such as Freitas (2005), Bosi (2012), Macêdo (2014), Iokoi (2015), Alves (2017), Clemente (2020), Chaves (2018, 2021), Alves (2021), Moraes, Pordeus the Silva (2022), Silva (2022) among others that helped us understand cangaço and its representation. In light of the research, it is clear that in the works the geographical space marked by climatic and governmental conditions influences the fate of the characters, who seek solutions to their problems in cangaço, or even in messianic movements, since they do not receive assistance from the State, which leads to the conclusion that both in films and in books the narratives, more than telling stories, denounce the negligence and oppression faced by the people of the backlands in the 19th and 20th centuries.

Keywords: Cangaço; Literature; Cinema; José Lins do Rego.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Vestimentas dos cangaceiros no museu do Sertão	22
Figura 2 - Objetos que pertenciam a Lampião	22
Figura 3 - O Lampião do Instituto Histórico	32
Figura 4 - Adagas (punhais) de metal	69
Figura 5 - Cigarreira Aplaca	69
Figura 6 - Cantil de alumínio e couro	70
Figura 7 - Cartas de Lampião	71

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. O CANGAÇO	15
2.1. LAPINHA DO SERTÃO - UM MERGULHO NA HISTÓRIA DO CANGAÇO	19
2.2. A MULHER NO CANGAÇO	22
2.3. A ESTÉTICA CANGACEIRA.....	28
3. O CANGAÇO NA LITERATURA E NO CINEMA – ENTRE O FANTÁSTICO E O REAL	35
4. <i>PEDRA BONITA E CANGACEIROS: O CICLO DO CANGAÇO EM JOSÉ LINS DO REGO</i>.....	48
4.1. O AUTOR.....	48
4.2. AS OBRAS: PEDRA BONITA E CANGACEIROS.....	49
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
REFERÊNCIAS	66
ANEXOS.....	69
ANEXO A - Fotos dos pertences de Lampião expostos no Museu do Sertão em Piranhas- AL.....	69
ANEXO B - Entrevista com Luiz Ruben Bonfim	72

1. INTRODUÇÃO

A escolha desta temática surgiu devido à forte presença da história do cangaço em terras piranhenses que é transmitida de geração em geração, em cada canto da cidade onde nos almoços de domingo, nas visitas aos idosos, no Museu do Sertão, nas estátuas e nas fachadas dos comércios espalhadas pela cidade, a memória do cangaço, de Lampião e de Maria Bonita é lembrada entre o horror ou o louvor daqueles que viram e ouviram o/sobre o lendário grupo de Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião.

Por estar inserida nessa cultura cangaceira desde a primeira idade (que segundo lendas, une-nos ainda um parentesco sanguíneo), aflorou-nos o interesse em analisar como as histórias do cangaço são apresentadas e representadas na literatura ao ter contato com o livro *Pedra Bonita* (1938) do escritor José Lins do Rego, sendo ampliado o interesse de pesquisa também ao cinema por sugestão do Professor orientador Marcos Cunha, buscando compreender qual imagem sobre esses sujeitos é construída e transmitida através da arte. O título desta monografia foi motivado pela história dos livros *Pedra Bonita* (1938) e *Cangaceiros* (1953), que são livros complementares, nos quais se traça a luta travada em um sertão árido de “santos” e bandidos, que molha o chão com sangue de inocentes, beatos, cangaceiros e volantes. Ao mesmo tempo, busca-se contemplar o território descrito nesta pesquisa, a cidade de Piranhas, que também teve o solo embebido em sangue na época do cangaceirismo.

A língua é um fenômeno social que revela a história e a cultura de um povo e nos permite a mediação entre o homem e o mundo. Considerando que a expressão literária faz parte do domínio da língua, a literatura também engloba uma dimensão cultural, revelando traços históricos e sociais atrelados ao imaginário.

O cangaço, um movimento extinto há aproximadamente 83 anos, continua vivo na cultura, na história e na memória do povo brasileiro, principalmente no coração do Nordeste, deixando marcas na história e que nos tempos hodiernos desperta sentimentos entre admiração e repulsa, respeito e temor. Nessa discussão de bandido ou herói, a história do cangaço tornou-se patrimônio cultural e turístico de grande parte das terras percorridas pelos bandoleiros no sertão nordestino, em especial em Alagoas, Sergipe, Bahia e Pernambuco. Es-

sas marcas estão presentes também em cordéis, em narrativas e em filmes que carregam singularidades sobre a história, cultura e crenças do povo nordestino. Levando isso em consideração, objetiva-se, neste trabalho, observar e descrever como as histórias e as marcas deixadas pelo cangaço estão representadas na literatura e no cinema nacional, com maior foco na primeira, analisando como os mitos, estereótipos e a veracidade histórica aparecem e se misturam nas produções, tendo em vista o contexto social e cultural. De modo específico, os objetivos voltam-se para as obras literárias de José Lins do Rego: *Pedra Bonita* (1938) e *Cangaceiros* (1953), buscando investigar como o espaço molda as experiências dos personagens e influencia suas decisões e destinos; observar como a figura dos cangaceiros é caracterizada nas obras; analisar como o autor, através do resgate histórico, se utiliza da arte como uma denúncia social.

Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo, visto que busca analisar o conteúdo através do objeto de estudo, neste caso, com base nos livros de José Lins do Rego. Sua gênese deu-se a partir da leitura dos livros mencionados anteriormente, que conferiram possibilidade a esta escrita, e da observação de filmes conhecidos sobre o tema. Em seguida, partiu-se para o levantamento bibliográfico, onde alicerçamos como estudos de base teórica: Freitas (2005), Bosi (2012), Macêdo (2014), Iokoi (2015), Alves (2017), Clemente (2020), Chaves (2018, 2021), Alves (2021), Moraes, Pordeus e Silva (2022), Silva (2022) e entre outros, e por meio de documentários em acervos do YouTube nos valem do pesquisador Frederico Pernambucano de Mello (TV Cultura, 2012) e (Escrituras Editora, 2013). Também recorreremos a registros históricos de ex-cangaceiros e ex-cangaceiras postados na plataforma do YouTube para fundamentar as discussões.

Com efeito, esta pesquisa busca contribuir nos estudos em literatura, história e sociologia, áreas em que a violência, o messianismo e a seca se misturam, sendo representadas nas obras por meio do resgate histórico envolto a ficção, do massacre de Pedra Bonita, embora o autor (José Lins do Rego) destaque na epígrafe que “a narrativa deste romance quase nada tem de ver com a geografia e o fato histórico desenrolado em Pernambuco nos princípios do século XIX”, e da Guerra de Canudos.

Estes temas também foram retratados por Ariano Suassuna em *A Pedra do Reino* e por Euclides da Cunha em *Os Sertões*. José Lins do Rego, partindo do regionalismo, descreve nesses livros o sertão hostil e árido como um espaço determinante dos sujeitos, moldando suas perspectivas e suas ações. Com isso, esperamos colaborar nos estudos que dizem respeito à expressão artística e à reflexão sobre temas sociais e humanos universais, bem como promover a preservação e o resgate da identidade cultural do Nordeste do Brasil.

Acreditamos ser importante iniciar a pesquisa realizando um percurso histórico e cultural do cangaço para melhor compreender esse movimento armado. Para dar início às discussões, partiremos da segunda sessão, denominada “O cangaço”, onde apresentaremos o movimento, as possíveis causas do seu surgimento, do ingresso de novos integrantes ao bando de cangaceiros e da designação *cangaço*. Traremos também alguns nomes que marcaram a história do movimento no Nordeste e no Brasil.

Em seguida, abordaremos a atuação do cangaço na cidade de Piranhas, Alagoas, a partir do ataque de cangaceiros à cidade, em 1986, e da exposição das cabeças de Lampião, Maria bonita e demais companheiros na escada do Palácio Dom Pedro II, em 1938, e como esses marcos refletem na história e na cultura local.

Posteriormente, será discutida a representação da mulher cangaceira, o estereótipo construído acerca destas, a fuga dos papéis de gênero e a dualidade vivenciada por elas no bando, de uma possível liberdade e uma provável repreensão.

Para finalizar, na segunda sessão também será apresentada à moda do cangaço, a qual denominamos de estética cangaceira: as vestimentas, os bordados, os apetrechos e o emblemático chapéu de cangaceiro com seus símbolos e significação, e a representação dessa moda nos figurinos exibidos no cinema.

Na terceira sessão, a literatura e o cinema serão explorados apresentando escritores que se dedicaram a escrever sobre o cangaço e suas respectivas obras e também filmes nacionais que fazem parte dessa cultura, analisando quais as perspectivas sobre o movimento são apresentadas, e como a abordagem crítica e social se misturam à ficção.

Dedicaremos a quarta sessão para a análise dos livros *Pedra Bonita* e *Cangaceiros* de José Lins do Rego, atentando-nos a aspectos sociais, culturais e psicológicos na construção da narrativa e dos personagens, e buscaremos entender qual é a ótica do escritor sobre o cangaço.

Por fim, apresentaremos as considerações finais, verificando dentro dos objetivos propostos que contributos foram atingidos pela pesquisa, que reflexões foram pontuadas nas obras que retratam, recuperam e expandem a cultura cangaceira nordestina.

2. O CANGAÇO

Com a queda da monarquia no Brasil e a instauração da primeira república, no final do século XIX, foram se manifestando no país várias revoltas devido à transição inesperada do sistema político; diversas tensões ocorriam na economia, na política, na religião e no âmbito social, provocadas pela desvalorização dos grupos populares e do favorecimento da classe média por meio da economia comercial, gerando um abatimento ainda maior para o sertão e o sertanejo que já sofria com a escassez de água e conseqüentemente de outros recursos básicos para a sobrevivência (Alves, 2021). Nesse contexto, nascia e se expandia o número de homens que andavam armados, os quais foram se fortalecendo ainda mais na primeira metade do século XX, onde as condições sociais da região iam de mal a pior.

No entanto, segundo o pesquisador Luiz Ruben Bonfim em uma entrevista que nos foi concedida, não podemos deixar de lado que Maurício de Nassau (1637-1644) escreveu uma carta ao se despedir e retornar à Holanda, informando sobre um grupo específico que saqueava estradas e áreas e regiões metropolitanas. Área geográfica que o pesquisador diz ser é a área florestal de Pernambuco.

O cangaço foi um movimento armado do século XX que se manifestou no Nordeste brasileiro em regiões áridas, onde a seca e o coronelismo pairavam sobre o povo. Era formado por grupos de bandoleiros que andavam desafiando o poder estatal e os coronéis, grandes proprietários de terra, e cometendo atrocidades por onde passavam, deixando rastros de morte e vingança. A partir dos anos 30, uma cisão foi ganhando força, destacando duas vertentes acerca do movimento: a do cangaço como um movimento social, conhecido teoricamente como banditismo social, e a relação simbiótica entre cangaço e coronelismo, que compreende a harmonia desses dois fenômenos (Masur, 2019). Na segunda vertente, o cangaço não faz justiça, mas se une aos injustos numa troca de favores. Os coronéis ofertavam comida, lugar para dormir e munição em troca dos serviços dos cangaceiros, como a vingança a um inimigo.

Esses grupos, denominados de cangaceiros, para aqueles que compartilhavam da mesma luta contra a miséria, representavam a luta contra a exploração

da população realizada pelos grandes proprietários de terra, geralmente coronéis (Iokoi, 2015). Numa época em que os trabalhadores agrários, pobres e desfavorecidos se viam reprimidos pelas oligarquias, a imagem de um grupo de rebeldes que lutava contra o poder dos coronéis foi sendo construída como um ato heroico, os justiceiros dos desvalidos que, na maior parte, vinham da mesma classe e do mesmo meio hostil.

O estereótipo de um justiceiro social, um “Robin Hood do sertão”, foi sendo conhecido como uma das performances de alguns cangaceiros como Lampião, contudo, conforme Iokoi (2015), essa afirmação é exacerbada, visto que o movimento do cangaço não visava um projeto social revolucionário, muito menos a transformação de como a sociedade se organizava. Segundo a pesquisadora, os cangaceiros mantinham suas preocupações em sua sobrevivência no cenário de escassez de água, de alimento e de justiça, e a forma de sobrevivência encontrada foi a afronta, a intimidação aos poderes estatais.

Apesar da faceta negativa do cangaço, de um grupo de bandidos, em muitos locais da região Nordeste alguns cangaceiros são vistos como heróis do povo, homens de coragem que lutavam contra as injustiças sociais, como a falta de acesso aos recursos ocasionados principalmente pela seca e pelo governo.

Lampião é um dos maiores exemplos da controvérsia de herói e vilão. A acusação apresenta crimes como chacinas, ataques a fazendas, roubo de animais e sequestros, já a defesa põe a mão no fogo por um homem justo e carismático que resistiu ao poder dos coronéis, lutando contra a miséria no Nordeste. Segundo o pesquisador Luiz Rubem Bonfim, na pesquisa inserida nos anexos deste trabalho, Lampião, ao mesmo tempo que foi um criminoso fora da lei, apoiava o sistema, se aliando a grande coronéis com o intuito de alcançar seus interesses pessoais e os interesses do seu grupo.

Muito se é discutido sobre o significado do termo cangaço. Segundo apresenta Macêdo (2014), no portal *Estórias&História*, sobre a teoria de Gustavo Barroso, a terminologia cangaço faz referência à canga de unir bois, visto que os integrantes dos grupos andavam carregados de armas sobre os ombros se assemelhando à canga de metal utilizada nos animais.

Contudo, o pesquisador diz que essa visão ainda é simplista para um termo que envolve muita complexidade, e traz outra perspectiva sob o olhar de Tomé

Cabral e Batista Caetano, no qual defende cangaço provindo do Tupi *Canguera* que traz como significado *ossada* e também da língua Tupi Abanenga *Kang* que significa osso, termos que podem remeter à seca, à falta de recursos, aos bichos magros e até ao homem desnutrido e maltratado pela desolação e negligência. Esse termo ainda é usado em muitas regiões do Nordeste para designar restos mortais ou uma pessoa muito magra: “fulano, tá só o cangaço”.

O surgimento e toda a atuação desse movimento não podem ser atribuídos unicamente a uma causa, já que, segundo Eric Hobsbawm, in Iokoi (2015), podem-se atribuir três grupos de atuação para os cangaceiros,

O primeiro é o banditismo de vingança de sangue, feito de uma família contra a outra por motivos pessoais, que incluem a honra familiar e individual a ser defendida. O segundo, é o banditismo puro ou simples. Trata-se do bandido que rouba para si, assaltando à mão armada. É um meio de vida encontrado em sociedades onde há pouca abertura e oportunidades de vida decentes para todos. Por fim, temos o banditismo social, o caso típico do lendário “Robin Hood”. É a atitude bandida feita como protesto, nem sempre consciente, às injustiças e hierarquias da sociedade, é o “roubar dos ricos para dar aos pobres” da lenda (Iokoi, 2015, n.p).

Cabe aqui esclarecer outros termos que são confundidos e comparados, o de jagunço e cangaceiro. Os jagunços eram capangas pagos para proteger as terras dos grandes coronéis e matar por encomenda em troca de benefícios, enquanto os cangaceiros agiam em grupos independentes, por algum/alguns dos motivos citados ou por outros motivos diversos. No entanto, a figura do cangaceiro ficou conhecida por muitos como jagunço, o que não é um absurdo, visto que alguns cangaceiros desempenharam tal papel.

Também, seria equivocado atrelar o surgimento do cangaço a partir de um grupo específico de bandoleiros, visto que o movimento foi se desenvolvendo gradativamente em reflexo ao contexto social. Contudo, há nomes de cangaceiros notáveis que ficaram perpetuados na história, como o de José Gomes, considerado precursor da história do cangaço e conhecido como “Cabeleira”, o qual é o protagonista do primeiro romance sobre o cangaço, que descreve a dura realidade vivenciada no cenário hostil do sertão, escrito por Franklin Távora em 1876 e que será melhor comentado posteriormente.

Há, também, o grupo de cangaceiros liderado por Antônio Silvino, lembrado por ser o “Robin Hood” do sertão, título que recebeu também o mais len-

dário cangaceiro Lampião, que percorreu toda a caatinga com o bando mais temido da história, juntamente com Maria Bonita, sua companheira. Esse grupo de cangaceiros ganhou fama pelas andanças realizadas na caatinga, vivendo em acampamentos temporários e causando confrontos por onde passava.

Outra personalidade conhecida na história do cangaço é o Corisco, lembrado por ser tão temido e aclamado quanto Lampião. Inicialmente fazia parte do grupo dele e era o seu braço direito, depois foi confiado a comandar um subgrupo do capitão.

Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, nasceu em 1898, em Vila Bela, cidade do estado de Pernambuco, que hoje recebe o topônimo de Serra Talhada. Pela história do cangaço e de Lampião serem lembradas como uma história mítica, muitas lendas são inventadas, muitas interpretações são feitas e muitos fatos se perdem no tempo. Contudo, pelo conhecimento da história desse cangaceiro e conforme comenta Clemente (2020), Virgulino

(..) de cangaceiro manso, quando atuava apenas ocasionalmente em função de demandas familiares, tornou-se um profissional do crime; de vingador da honra, revelou-se um hábil negociante, transitando com desenvoltura entre coronéis e entre outros bandidos com os quais firmou aliança (Clemente, 2020, p. 109).

A versão mais conhecida, embora seja rebatida por alguns pesquisadores, é que Virgulino quando jovem, entrou no cangaço junto a seus irmãos mais velhos para vingar a morte do seu pai, que foi morto por um policial após um conflito familiar entre a família Ferreira e seus vizinhos, os Saturninos. Clemente ainda ressalta as disputas acirradas envolvendo contendas nas famílias tradicionais por influência política e posse de terras:

O governo do Estado, em 1919, entendeu que das lutas entre Pereiras e Carvalhos resultava uma situação de instabilidade social com risco de descontrole. Para o chefe de polícia de Pernambuco, as causas determinantes da insegurança pública no interior “são as velhas inimizades entre duas famílias abastadas, dos Pereiras e dos Carvalhos, originando-se lutas, mortes e depredações que, de quando em vez, surgem no seio daquelas famílias”. Virgulino transformou-se em Lampião nesse contexto. Lutas violentas de vingança familiar, no imediato, e pano de fundo das lutas pelo poder político (Clemente, 2020, p. 116).

Aliado à família Pereira, Virgulino ingressou no bando de Sinhô Pereira, que devido a conflitos ocasionados em mortes buscaram vingança por meio do

cangaço, objetivo inicial do jovem que se destacou entre os cangaceiros, recebendo a alcunha de Lampião devido à sua habilidade como atirador, disparando com tanta agilidade que os tiros pareciam uma lamparina, conhecida popularmente como lampião. Devido a suas proezas, após 2 anos, Lampião assumiu seu lugar, ascendendo ao título de rei do cangaço. Sendo assim, ele e seu bando de cangaceiros espalharam suas atrocidades, vingaram o entregador do seu pai, cometeram o assalto mais famoso da história do cangaço ao casarão da baronesa de Água Branca–AL e o famoso ataque a Piranhas–AL, liderado por Gato e Corisco, os cabras¹ de Lampião.

2.1. LAPINHA DO SERTÃO - UM MERGULHO NA HISTÓRIA DO CANGAÇO

O ataque a Piranhas foi um evento que ficou marcado na história da cidade e do cangaço. Falar do cangaço é falar da história do Nordeste, e não teria como contar essa história sem contemplar uma das cidades que serviu de base de acampamento para o grupo de cangaceiros, tornando-se referência para aqueles que desejam conhecer a história de Lampião, Maria Bonita dos demais bandoleiros do seu grupo. Banhada pelas águas do São Francisco, Piranhas é uma cidade do sertão de Alagoas que fica próxima à região cangaceira da Bahia e de Sergipe (Paulo Afonso–BA, Canindé de São Francisco–SE, Poço Redondo–SE). Por esse motivo, a cidade serviu de palco para os cangaceiros que rondavam a localidade fazendo seus acampamentos, roubando os fazendeiros e travando confrontos com a volante², o que tornou a cidade um cartão postal para a história do cangaço. Contudo, vale ressaltar que o movimento não se limita unicamente a essa localidade, mas se estende por diversos estados do Nordeste brasileiro.

Segundo as narrativas, que circulam na região, de populares e também de membros da família de Chiquinho Rodrigues, morador que viveu o ataque e foi o responsável pela morte de Gato, e de relatos do escritor e historiador João de Sousa Lima em um evento promovido pelo Cariri Cangaço em 2015 e

¹ Designação nordestina para homens valentes, fortes e corajosos

² Grupos de policiais militares e oriundos do Agraste formados com o intuito de combater o avanço do banditismo no Nordeste brasileiro.

posteriormente publicado em blogue, a invasão a Piranhas que ocorreu do dia 27 para 28 de setembro de 1986, decorreu pelo sequestro de Inacinha, mulher do cangaceiro Gato que estava grávida, quando estavam escondidos apenas o casal e mais dois cangaceiros na fazenda Picos. Sabendo do fato, o tenente João Bezerra reuniu o destacamento para capturar o grupo, porém, chegando lá, os homens conseguiram fugir, mas Inacinha, atingida por um tiro, foi capturada. Revoltado, Gato pediu ajuda de outros cangaceiros para organizar o ataque. Com a volante em Olho d'Água do Casado, na época distrito da cidade de Piranhas, a invasão dos cangaceiros se deu mais rapidamente. Gato enfurecido, ia matando todos que encontrava pelo caminho. Os moradores, ao saber da chegada dos cangaceiros, se alarmaram, muitos fugiram, outros pegaram em armas para defender a cidade.

Seu Chiquinho Rodrigues conta em detalhes sua versão do ataque e de como enfrentou os cabras, provocando a morte do temido cangaceiro Gato, ao pesquisador Aderbal Nogueira. A entrevista com o destemido morador de Piranhas está disponibilizada no canal do YouTube *Aderbal Nogueira – Cangaço* (2021), assim como outros acervos, como a conversa de João de Sousa Lima com o cangaceiro Moreno, que estava no momento do acontecido e que confirma a versão contada por Chiquinho Rodrigues sobre o disparo de arma que atingiu seu colega. Chiquinho relatou que, ao se preparar para o ataque, recebeu a visita de um senhor a cavalo que alertou sobre a chegada dos cangaceiros que vinham deixando muitos mortos pelo caminho. Ele estava ainda em casa com sua família quando ouviu os disparos dos cangaceiros, entre eles estava Corisco na companhia de 22 homens, que desciam em direção ao comércio, visando incendiar o local onde a família de Chiquinho Rodrigues possuía um mercado. Nesse momento, o morador recebeu em sua casa um colega da escola que juntou força a ele no momento do ataque, enquanto o delegado Cipriano e mais oito soldados, vendo que não tinham forças para um fogo cruzado, fugiram às pressas para o outro lado do rio. No relato, ele conta como foi o desespero dos moradores para fugir da ameaça dos bandidos.

Seu Chiquinho Rodrigues, ao ver um dos cangaceiros com chapéu grande e cheio de ouro que refletia no sol de 10:00 da manhã se aproximando, atirou, atingindo-o no quadril. Feriu também outro cangaceiro, e então o

restante do grupo se apresentou, “Joãozinho Marcelino disse: seu Chiquinho tamo perdido, aqui no oitão já tem um grupo de cangaceiro, era uns 10, vão entrar”, conta Chiquinho, que sem temer, diz que só entram depois que ele morrer. Diz que resistiu ao combate, realizando 140 tiros contra o grupo, que, ao ver que o morador não se entregaria, recuaram do local, deixando nas caçadas as marcas de sangue do primeiro ferido, que relata ser o cangaceiro Gato, que não resistiu ao ferimento e foi enterrado nas proximidades.

Esse marco histórico é relembado todos os anos na cidade ribeirinha que, no dia 28 de setembro, celebra o Dia da Resistência Piranhense em memória à resistência, coragem e união do povo. Além dessa data, a cidade todos os anos promove eventos para lembrar o dia 28 de julho, data da morte de Lampião, Maria Bonita e outros 9 cangaceiros em uma emboscada liderada pelo tenente João Bezerra na Grota do Angico, na cidade de Poço Redondo–SE, no ano de 1938. Em seguida as cabeças dos cangaceiros foram arrancadas e expostas em praça pública nos degraus da calçada do Palácio Dom Pedro II, atual prédio da prefeitura. Os eventos atraem turistas de todas as partes, alguns foram apoiados pelo Movimento Cultural Cariri Cangaço, que busca promover e revelar a história e o misticismo do cangaço. Nesses eventos são realizadas trilhas até a Grota do Angico. Lá, entre celebração de missa, apresentações de teatro a caráter e xaxado, o dia é relembado e a história vivenciada outra vez.

Essa cidade, bem como outras do Nordeste brasileiro, preserva a história do cangaço não só em eventos, mas também nos topônimos comerciais que revelam a memória cultural e histórica da região e também funcionam como estratégia de marketing comercial para promover o turismo nas pousadas, restaurantes, hotelarias e outros estabelecimentos. O fato desses lugares possuírem favoritismo pelos topônimos cangaceiros pode revelar o imaginário e os sentimentos da população sobre Lampião e os seus “cabras”, que possivelmente seja a de um fanatismo, já que faz parte da cultura da região. Podemos ver isso, além dos topônimos, nas estátuas espalhadas pela cidade e no Museu do Sertão que guarda objetos de Lampião, como cartas, armas e vestimentas.

Figura 1 – Vestimentas dos cangaceiros no museu do Sertão

Figura 2 – Objetos que pertenciam a Lampião



Fonte: (<http://turismo.piranhas.al.gov.br/museu-do-cangaço>)

A cidade, tombada pelo Instituto de Patrimônio Histórico Nacional (IPHAN), é usada frequentemente como cenário de filmes que retratam a história de Lampião. As produções cinematográficas ambientadas no local criam uma atmosfera histórica do cangaço por meio da cidade que foi percorrida pelo bando mais famoso de cangaceiros. O filme *Baile Perfumado* (1996), uma das mais reconhecidas obras cinematográficas do cangaço, possui cenas gravadas em Piranhas, dentre elas a travessia dos cangaceiros a barco pelo Rio São Francisco, cena que o rio presenciou inúmeras vezes fora dos roteiros do cinema.

2.2. A MULHER NO CANGAÇO

A primeira mulher a entrar no grupo dos cangaceiros foi Maria Gomes, após decidir se unir a Lampião, juntamente a sua ex-cunhada Mariquinha que a acompanhou para se unir a Labareda, dando abertura para que outros cangaceiros pudessem também serem acompanhados livremente ou não, por suas parceiras na caatinga. Contudo, o cangaço tradicionalmente não aceitava mulheres no bando, mas, de acordo com Frederico Pernambucano de Mello (TV Cultura, 2012), o motivo pelo qual Lampião permitiu o ingresso delas seria a aquisição da tradição militar brasileira, o cangaceiro fazia muitas observações sobre a passagem da Colônia Prestes e desenvolveu diversas práticas de coluna, como, por exemplo, os bilhetes de requisição de valores, em que os can-

gaceiros buscavam coletar informações de autoridades locais, comerciantes e camponeses para obter recursos financeiros, e também a inserção das mulheres na tradição militar do Brasil, que teve forte presença feminina, a exemplo da Guerra do Paraguai (1864-1870), no qual algumas mulheres se juntaram às fileiras dos soldados, muitas vezes disfarçadas, para participar das batalhas, e na Guerra de Canudos (1896-1897), em que forneceram apoio durante o conflito, além de serem responsáveis no desempenho de funções logísticas.

Segundo as pesquisadoras Moraes, Pordeus e Silva (2022), podemos atribuir três motivos para o ingresso das mulheres no cangaço: o primeiro, a entrada voluntária, onde as mulheres se atraíam e se apaixonavam pelo cangaceiro, como Maria de Lampião, que ficou popularmente conhecida como Maria Bonita após sua morte, decidindo acompanhá-lo, apesar de enfrentar uma vida perigosa na fuga das volantes; o segundo seria a entrada como resultado de uma ação violenta dos cangaceiros que tiravam as moças da casa de seus pais, ameaçando a vida dos familiares caso elas não os acompanhassem, conforme relatado Sila em um documentário de Aderbal Nogueira (2021: 14), no qual que se encontrava na casa da família em Poço Redondo–SE quando seu irmão lhe dissera que o cangaceiro Zé Sereno passado lá e falado que ia levar sua irmã com ele. Ela conta que resistiu em ir, mas, por medo de prejudicar os de sua família, seguiu a vida de cangaceira com apenas 13 anos de idade. O terceiro tipo de entrada da mulher para o cangaço, como trazido pelas pesquisadoras, seria uma alternativa de fuga das violências provocadas pelas forças volantes, pois, apesar de terem como alvo os cangaceiros a fim de dizimá-los, elas também faziam de vítimas as mulheres comuns, assediando-as e violentando-as por prazer ou para conseguir informações de coiteiros sobre os paradesiros dos bandos de cangaceiros, sendo que a honra da mulher para família era sagrada e uma mulher violentada perdia o seu valor e desgraçava sua casa.

Segundo a historiadora Freitas (2005):

Para a socióloga Maria Isaura P. de Queiroz, a inserção feminina no banditismo se configura numa escolha pessoal. Em sua concepção, a incorporação ao cangaço se constituía para as sertanejas pobres na oportunidade de se livrarem dos trabalhos rurais e na possibilidade de ascensão social. Tais perspectivas resultavam da imagem construída e veiculada pelos próprios cangaceiros que ostentavam o enriquecimento fácil e ilegal, a

alegria e o nomadismo dos bandos. Soma-se a esses elementos a virilidade masculina evidenciada em sua coragem, o que despertava o desejo carnal de muitas mulheres. Em sua concepção fica evidente que a incorporação feminina aos bandos foi voluntária (Freitas, 2005, p. 118).

Nessa perspectiva, dá-se a importância de levar em consideração as razões individuais e condições sociais específicas ao estudar a participação das mulheres no cangaço. Cada caso é singular e influenciado por múltiplos fatores. Desse modo, cabe desmistificar o estereótipo carregado acerca da mulher cangaceira como uma mulher violenta e criminosa, como traz Freitas (2005), ressaltando que

Esse estereótipo depreciativo e marginal atribuído à cangaceira, acaba por encobrir o “ser mulher” construído no interior do cangaço. Além disso, perde-se de vista que elas também tinham anseios, medos, desejos e frustrações, sentimentos que não as eximiam do mundo marginal no qual estavam inseridas (Freitas, 2005, p. 117).

O estereótipo da cangaceira como uma mulher bruta e violenta foi repercutindo nas mídias, nas matérias jornalísticas e em filmes sobre o cangaço. Moraes, Pordeus e Silva (2022) declaram que propagar essa imagem belicosa das cangaceiras servia de estratégia para “demonizar” essas mulheres, desestimulando o interesse de outras que pretendiam entrar, visto que o ingresso delas no cangaço representava uma subversão da identidade da mulher no século XX.

Nas histórias narradas pelas ex-cangaceiras como Sila, Adília e Dadá, podemos ver a perspectiva da mulher no cangaço contada pela própria personagem da história. É por meio dessas histórias vivas que podemos analisar os fatos sem generalizar e criar estereótipos sobre a participação da mulher no grupo de cangaceiros, como era feito nos periódicos paulistas analisados por Freitas (2005), nos quais buscou entender como era tida a representação do feminino na imprensa no tempo dos ataques. Segundo apresenta a pesquisadora, os periódicos utilizavam termos como “bandidas”, “amantes”, “megeras”; “cruéis”, “destemerosas” para qualificar as cangaceiras, não dando espaço para outras formas de ser mulher no cangaço e não considerando os fatores que as levaram a ingressar nos bandos, apenas considerando que, se estavam no cangaço, eram ameaças para a sociedade.

Diferente de Sila, Adília conta em uma entrevista a Nogueira (2019) que seu ingresso no grupo se deu por gostar de Canário, que já era seu namorado antes de entrar para o cangaço, e que já havia prometido ir embora com ele porque seu avô não apoiava o namoro. Contudo, Adília se mostra arrependida por seguir o cangaceiro e, ao ser indagada pelo pesquisador Aderbal Nogueira se tinha saudade daquela época e se voltaria novamente, responde: “eu não”, “não voltava mais não (...) logo encontrei um homem que só faltava me matar”. Ainda diz que não deixou cair uma lágrima quando Canário, como era chamado no bando, morreu.

Em contrapartida ao relato de Adília, temos o de Sérgia da Silva Chagas, a Dadá que apesar de ser levada contra a sua vontade do seio da sua família como forma de vingança por Corisco, desenvolveu amor por ele ao longo da convivência e esteve ao lado do cangaceiro na morte, quando ele foi degolado tendo a cabeça exposta no Museu Nina Rodrigues (Museu Antropólogo Estácio de Lima – Salvador). Seus familiares contam, num documentário nomeado *Feminino Cangaço* (2016), promovido pelo Centro de Estudo Euclides da Cunha, que, anos após o seu sepultamento, ela voltou à cidade para recuperar seus ossos, os quais desenterrou, lavou, secou e guardou em um baú que ficava embaixo da sua cama cuja chave guardava como um pingente sobre o peito, só sossegando ao conseguir retirar o crânio de Corisco do museu e uni-lo aos restos mortais do corpo.

Dadá é uma das cangaceiras mais conhecidas por sua coragem e valentia. Freitas (2005) diz que a primeira repercussão sobre a participação da cangaceira em confrontos foi registrada pelo Correio da Manhã no dia 24/05/1940. A informação foi fornecida por José Porfírio, vulgo “Velocidade”, cangaceiro do grupo “que teria se entregado à polícia de Parapiranga–BA, e informado que Corisco não fazia o mesmo por oposição de Sérgia, sendo o verdadeiro chefe do grupo, tendo prometido matar o marido caso tentasse este depor as armas” (Freitas 2005, p.132 in Correio da Manhã – 24/05/1940, p. 5). O filme *Baile Perfumado* (dir. de Lírio Ferreira e Paulo Caldas, 1996) reproduz a performance, assumida por Dadá, de uma mulher subversiva. No filme, durante uma cena de ataque de Corisco a um “macaco”, a mulher encoraja e atiça o companheiro a realizar o ato brutal.

Conforme o relato anterior, Dadá era uma mulher perigosa, que poderia representar ameaça, contudo, no documentário do Centro de Estudo Euclides da Cunha, o escritor e jornalista Oleone Fontes conta que a cangaceira não gostava de ser chamada de bandida e justificava a sua atuação no cangaço como uma vítima de uma sociedade agressiva, pois na época as pessoas do seu meio social (do sertão nordestino) eram agressivas e violentas, então ela também era violenta. Assim, Sérgia (Dadá) afirma atuar conforme as circunstâncias como forma de sobreviver. Confirmamos essa afirmação quando Freitas (2005), com base no depoimento de Dadá à historiadora Maria Cristina Matta Machado (1978), revela que um dos motivos pelo quais a cangaceira lutava de maneira sagaz era o medo de ser capturada pelas volantes, uma vez que, quando as mulheres do bando eram capturadas, sofriam agressões físicas e sexuais.

Independentemente da forma como as mulheres ingressaram no cangaço, Moraes, Pordeus e Silva (2022) alegam que, pelo fato de fazerem parte do grupo, elas se afastavam do modelo de mulher e feminilidade que era esperado naquela época. Elas foram mulheres que romperam com os padrões sociais de gênero, se distanciando da mulher que cuida do lar; pois viviam como nômades, e, no cangaço, os homens também desempenhavam os trabalhos domésticos, visto que por muito tempo não contavam com a presença feminina; e da mulher recatada, já que muitas entravam no cangaço por serem extrovertidas e gostarem de dançar, por exemplo, conforme mostrado no documentário *Feminino Cangaço* o depoimento de Adília: “o meu pai não deixava eu me pintar, não deixava dançar, de jeito algum ele não deixava. Depois que eu saí, agora aí eu dançava, penteava meu cabelo do jeito que eu queria” (informação audiovisual)³. Adília demonstra uma declaração de independência, já que antes muitas mulheres eram proibidas e rechaçadas pela sociedade, pois eram consideradas vulgares; ou por não assumirem a maternidade devido às circunstâncias em que viviam.

As ex-cangaceiras Sila e Adília contam, no documentário do Acervo Aderbal Nogueira, que faziam o parto no mato, sem auxílio de parteira. Quem estivesse no momento, sendo homem ou mulher, realizava o parto, e logo após

³ Informações fornecidas pelo CEEC – Centro de estudos Euclides da Cunha no documentário “feminino cangaço” dirigido por Lucas Viana e Manoel Neto.

não tinham nenhum tipo de repouso, tendo que deixar seus filhos sob a tutela de outras pessoas pelo caminho.

Segundo Alves (2021), a gravidez era uma situação difícil no cangaço. Gertrudes, uma cangaceira, esposa do cangaceiro Cililio, “tinha engravidado em meio às privações, à seca e ainda sofria com as *gargulinas*, onde havia momentos onde não se alimentava, e outros não tinham o que comer, pois como dependiam da caça, nem todo dia conseguiam obter carne” (p. 75). Ela relata que, devido ao mal-estar da gestante, o grupo precisava fazer paradas recorrentes no trajeto, o que colocava o grupo em risco. Conta que em uma dessas paradas os “macacos” apareceram a tiros, obrigando-os a deixar o repouso. Numa segunda gravidez da mesma cangaceira, a pesquisadora relata:

Certo dia o bando trocou tiro com os macacos da volante, foi quando Gertrudes se separou do bando e em meio ao tumulto, com muito medo devido seu estado, passou alguns dias trepada sobre as árvores, passando vinte e dois dias separada dos jagunços e de seu esposo (Alves, 2021, p. 78).

Ao considerar essa fuga dos papéis de gênero, podemos dizer que as cangaceiras foram transgressoras por desempenharem atividades violentas e masculinizadas, no entanto, eram submissas em relação aos homens. Dias (1989) apud Moraes, Pordeus e Silva (2022) conta como era a relação entre os gêneros no grupo, segundo Dadá: “Todas as mulheres de cangaceiro obedeciam seus maridos. Não tinha mulher que fosse devassa e o quê. Se não fosse direita, já sabia, não podia. Eles não aceitavam ruínas; tudo era naquela ordem. Elas eram companheiras ótimas, todas elas” (Moraes, Pordeus e Silva, 2022, p.11).

Alves (2021) relata a morte por emboscada dos homens do grupo de Manoel Cilicio, vulgo Jurema, dizendo que restou apenas um homem no bando, que se tornou o líder. Este tinha por alcunha Beija-flor e era irmão do falecido líder. Segundo ela, Beija-flor, diferente do irmão, ao assumir a nova posição, começou a agir de forma autoritarista com as mulheres do bando e não aguentando a opressão, uma delas fugiu para se entregar à polícia, deixando a entender que a prisão seria menos difícil de viver do que se estivesse naquela aparente liberdade.

Em entrevista para o jornalista Francisco José, GloboNews (TV Globo), Frederico Pernambucano de Mello, autor do livro *Estrelas de couro: a estética do cangaço* (Escrituras Editora, 2010), publicada em 2013 no canal Escrituras Editora, o historiador diz que a mulher cangaceira não era uma amazona no sentido de que ela não perseguia aquele ideal do combate. Segundo a sua perspectiva, as mulheres se mantiveram femininas, mesmo no cangaço, no sentido de preservarem sua vaidade, motivo para haver disputa entre as mulheres do cangaço pelo primado da beleza e da elegância. Ele ainda ressalta que as cangaceiras não combatiam, possuindo armas apenas para defesa pessoal, sendo que durante os combates ficavam escondidas. Vera Ferreira (2013), pesquisadora e neta de Lampião e Maria, confirma a informação dizendo, no documentário *Feminino Cangaço*, que, na hora do combate, as mulheres eram protegidas por dois ou três cangaceiros do bando.

O historiador comenta que as cangaceiras exerceram um papel superior em relação à mulher do sertanejo em geral pela liberdade, pelo tamanho dos seus vestidos, por não cozinhareem e apenas costurarem se quisessem, vivendo no mais para se aformosear e para satisfazerem os seus homens.

Ser cangaceira para algumas das mulheres era uma dualidade, pois, ao mesmo tempo que viviam fora de algumas normas de gênero, outras estruturas sociais maiores teriam a capacidade de diminuir a sua autonomia e promover estruturas tradicionais. Com base em tudo isso, classificar a mulher cangaceira requer muita cautela, pois existem diversas circunstâncias por trás de cada ingresso, seja por uma escolha pessoal como paixão para usar uma saia acima do joelho e um ruço, por coerção, pela necessidade de recursos financeiros ou qualquer outra motivação, sem ser necessariamente a luta por direitos específicos como os grupos políticos e sociais.

2.3. A ESTÉTICA CANGACEIRA

Ao pensarmos em um cangaceiro, vêm automaticamente à nossa imaginação homens e mulheres vestido(as)s e ornado(as) pelas indumentárias de couro, cores e ouro. Desde que surgiram as primeiras obras cinematográficas sobre o cangaço, o que chama atenção, mais do que o enredo e as façanhas, é

o figurino, essa estética própria dos cangaceiros que acompanha o nosso imaginário e reflete nas manifestações artísticas da nossa cultura.

Os primeiros cangaceiros se vestiam sem muita distinção dos demais nordestinos campestres e habitantes de vilarejos do século XIX e XX. As vestimentas começaram a se diferenciar e ganhar particularidade na beleza e extravagância com a chegada de Lampião no cangaço, “preenchiem-se de maneira desmedida de azuis e encarnados em suas vestimentas, pululava a extravagante algazarra das cores em pleno cinza da caatinga” (Chaves, 2018, p.49). Contudo, com a mudança no cangaço a partir do ingresso de mulheres, mudou também o que podemos chamar de estética cangaceira, na qual a imagem representativa do cangaço e do cangaceiro foi fortalecida “através desta moda criada sob o sol do sertão” (idem, p.49).

Frederico Pernambucano de Mello, um historiador especializado em conflitos rurais e banditismo, dedicado especialmente ao tema do cangaço, se interessou estudando sobretudo imagens de fotografias e de filmes feitos na época do ciclo do cangaço a se aprofundar na estética do cangaço, contudo o historiador comenta que seu maior interesse se deu nos cruzamentos de depoimentos feitos a ele por pessoas que se encontraram com algum cangaceiro ao menos uma única vez, mas que se recordavam daquele dia como o dia mais importante das suas vidas. O impacto desse encontro era muitas vezes um impacto do pavor e medo nos casos que não havia uma aproximação com o cangaceiro, mas que esse impacto em outros casos não possuía nenhuma relação com o pavor, porque já era conhecido, ou quaisquer outras razões para não recearem do cangaceiro nenhuma atitude violenta, mas o impacto era causado pela beleza estética que era própria dos grupos e subgrupos de Lampião (Mello, 2013, audiovisual em Escrituras Editora).

As roupas e apetrechos dos cangaceiros deixaram uma marca estética muito grande na cultura do Nordeste e do cinema. Partindo do principal adereço que caracteriza os cangaceiros e o próprio Lampião, o chapéu de couro em formato meia-lua, marchetado de medalhas, estrelas de couro e peças de ouro, assumindo o poder simbólico de

[...] uma coroa de um rei nômade, autoproclamado Governador do Sertão, que nas décadas de 1920 e 1930 scandalizou o seu desfigurado reinado com atos de violência e barbárie notadamente contra seus inimigos figadais, históricos ou eventuais,

ao mesmo tempo em que despertava pelo seu reinado a chama da aventura, desejo de vingança, liberdade, beleza, riqueza e fidalguia (Chaves, 2021, p. 47).

Embora tenha ficado conhecido como um ícone do cangaço, “o chapéu de couro com abas quebradas em meia-lua, barbicacho, testeira, cabelo, barbicacho traseiro, carapuça, bica e matame, que representava (e ainda representa) a linguagem instituída no quadro visual da indumentária do vaqueiro” (Chaves, 2021, p. 53) não foi uma invenção do cangaço. Assim como os chapéus da maioria dos vaqueiros, boiadeiros e sertanejos comuns, os chapéus dos cangaceiros eram confeccionados a partir do couro cru e possuíam longas abas para proteger do sol violento. Era confeccionado geralmente por vaqueiros que tinham a habilidade de lidar com couro, sendo uma tradição mantida de geração em geração no Nordeste, mas permeada de uma herança cultural dos moçárabes e portugueses, estando inclusos neste meio os nativos “brasileiros” e os holandeses. O próprio Lampião era conhecedor dos manejos de couro por ser um reconhecido vaqueiro, mas, devido à sua vida fugitiva, preferia encomendar seus apetrechos (Chaves, 2021).

Quanto às abas dos chapéus viradas para cima, o senso comum argumenta que seria uma proteção a mais às cabeças contra as plantas espinhosas típicas da vegetação do semiárido. Já Milan (2010) relata que a aba do chapéu era virada naturalmente para cima pela força do vento enquanto se cavalgava, e que o cangaço usou isso a seu favor como um “suporte de arte” para cravejar seus adornos. No mais, ela ressalta que as abas viradas também serviam de alerta, pois “nenhum cangaceiro poderia arriscar ser surpreendido em uma emboscada, por isso não poderia andar com a aba abaixada escondendo os olhos” (Milan, 2010, online).

Os chapéus dos cangaceiros tinham tudo para ser apenas chapéus comuns em meio a tantos outros, se não fosse pela personalidade dada a eles pelos próprios cangaceiros; no chapéu de cada cabra havia sua honra, valentia e proteção. Isso se deu pela intervenção de Dadá customizando um chapéu para Corisco, seu companheiro, aprovado por Lampião, que deu continuidade à moda. Dadá, em uma entrevista disponível no canal do YouTube, *O Cangaço na Literatura* (2020), comenta que foi também a precursora dos embornais bordados de flores coloridas, deixando sua criatividade aflorar enquanto estava em

um coito sem ter outras ocupações quando iniciou fazendo o molde em um papelão. Ela relata ter feito um jogo de bornais para Corisco e Lampião, ao ver que havia lhe pedido para ter bornais iguais. Depois disso, Lampião também passou a bordar as próprias peças com desenhos que preenchiam todo o tecido de um colorido alegre de linhas.

Essa estética não era própria de todos os cangaceiros da época. Os grupos autônomos independentes, como o liderado pelo cangaceiro Manoel Cilílio vulgo Jurema, usavam trajes que, embora tivessem alguns apetrechos semelhantes aos do grupo e dos subgrupos de Lampião, próprios da cultura nordestina e necessários para a vida nômade e violenta, eram mais singelos, sem tanta riqueza de detalhes com ornamentos ou ouro. De acordo com sua filha, Maria Niva da Silva (2011-2012), em entrevista prestada a Alves (2021):

Sua mãe Gertrudes trajava habitualmente roupas que era semelhante as demais mulheres do bando, que era vestido preto de mescla comprido, jabiraca, chapéu e alpercata com rabicho de sola crua, bernal de mescla cruzados que levava a tiracolo, uma trouxa bem feita (carrego) e punhal. Os homens vestiam calça e camisa de mescla preta, chapéu, alpercata com rabicho de sola crua, rifles, cartucheiras, armas brancas e porango (Alves, 2021, p. 71).

Essa diferença das vestimentas não seria apenas uma escolha pessoal desse grupo, mas revela sobre as condições de vida dele. Era um grupo menos favorecido de recursos, diferente de outros bandos, como o de Lampião, que ostentava os ouros e joias obtidos em roubos, bebia uísque White Horse e tinha apoio de coronéis. Grupos como esse viviam nesse mundo do banditismo em busca da sobrevivência. Se tinham pouco no cangaço, tinham menos ainda fora dele. Como dito por Alves (2021, p. 26): “viviam a sorte, não tinham padrinhos poderosos, viviam à margem da lei e eram opositores públicos, só carregavam consigo apenas o necessário”.

Após a morte de Lampião, de Maria Bonita e dos demais cangaceiros na Grota do Angico, os pertences que estavam com eles foram levados e doados para o Instituto Histórico e Geográfico do Estado de Alagoas, onde estão expostos para os visitantes. O Instituto também preserva os arquivos sobre esses objetos para comprovar sua veracidade. A partir do inventário completo dos objetos da Grota, podemos analisar com mais detalhes os adornos do chapéu que Lampião estava usando no dia do ataque, sendo importante ressaltar que

Lampião esteve no cangaço por aproximadamente 20 anos, tendo assim usado muitos chapéus e ornado cada um de formas diferentes, justificando o motivo do chapéu apresentado como de Lampião após a sua morte ser diferente das fotos expostas anteriormente nas mídias.

Consoante o inventário, o chapéu é ornado nas abas com 6 signos de Salomão, barbicacho ornado em ambos os lados com 55 peças de ouro das mais variadas, entre botões para colarinho, para punho e medalhas com inscrições como saudade, amizade, ou iniciais como P e CL e mais 3 anéis. Na teteira estão dispostas moedas e medalhas, sendo 2 com a gravação “Deus te guie”, 2 libras esterlinas, 1 moeda brasileira de ouro com a efígie de Dom Pedro II de 1885, 2 moedas brasileiras de ouro de 1776 e 1902. No barbicacho traseiro há 2 medalhas escritas “Amor”, uma com a mesma inscrição, um brilhante pequeno e 4 outros com desenhos diferentes (O Cangaço na Literatura, 2022).

Figura 3 - O Lampião do Instituto Histórico



Fonte: (<https://lampiaoaceso.blogspot.com/2012/09/reliquias-do-cangaco.html>)

A inovação imagética no chapéu, carregada de misticismo, ostentação e religiosidade, trouxe outra identidade visual ao cangaço, juntamente com “seus trajes e equipagem – que davam um ar épico e romanesco de profunda expressão do Nordeste do Brasil” (Chaves, 2018. p.48). Esses trajes contavam com uma túnica no estilo militar de cor cáqui, azul ou cinza; duas cobertas que

carregavam nos ombros em formato de x. Por cima das cobertas que formavam um acolchoado, apoiavam seus embornais geralmente com mantimentos. Sobreposto aos embornais carregavam as cartucheiras de ombro, também em formato de x e mais outras cartucheiras na cintura, onde também ficava preso um punhal de tamanho determinado pela patente do cangaceiro. Levavam consigo também apitos para vozes de comando, facões, luvas de couro, e, na parte de baixo, vestiam-se de culote ou calças frouxas e, nos pés, a alpercata de rabicho, popularmente conhecida como sandália xô boi, calçadas com meias. Usavam lenços coloridos em volta do pescoço chamados de jabiraca, que seria uma influência teatral adotada pelos cangaceiros, apesar da alta temperatura da região, preso por um anel ou aliança; usavam também muitos anéis em praticamente todos os dedos, joias que seriam furtadas da baronesa de Água Branca, bem como as 7 correntes de ouro que Maria de Lampião carregava consigo. Andavam tendo também ao lado um cantil ou cabaça de água, uma caneca de alumínio, carteira de couro com um prato de estanho e uma colher, e um tubo usado para transportar objetos sensíveis à água ou ao suor, tudo sobreposto estrategicamente, de forma que não impedisse a locomoção (Frederico Pernambucano de Mello, Fundação Joaquim Nabuco, 2020).

Essa moda do cangaço não foi feita para ficar escondida, precisava impactar a sociedade, deixando sua magia registrada. Apesar de serem perseguidos, os cangaceiros, especialmente o capitão, não tinham medo de se exhibir diante das câmeras, o que deu espaço para que o cineasta Benjamim Abrahão registrasse filmes da vida no cangaço, de homens que eram piedosos religiosos e bandidos sanguinários e de mulheres que eram femininas, vaidosas, submissas e transgressoras, destemidas, quase hns. Possibilitando, também, aos filmes que foram gravados posteriormente, uma reprodução mais aproximada da estética ousada do cangaço, que era marcado por uma dualidade gritante entre a violência e a arte, de uma beleza estética que era imitada até pelos seus rivais (a polícia).

[...] e bem depois ganhou as passarelas, tornando-se um dos símbolos culturais da região Nordeste. A moda, enquanto ideia e forma material, com as suas constantes mobilidades, traz aos sentidos as figurações de tempos históricos que muitas vezes se dão a conhecer através das variações de cortes, tecidos e cores (Chaves, 2018. p. 100).

Essa figuração envolta de misticismo, com medalhas religiosas, estrelas de Salomão e motivos florais que acreditavam trazer suas proteções; a flor-de-lis, que representa o lírio da realeza, simbolizando o poder, soberania, lealdade e honra, reflete uma identidade que ainda hoje é relevante para a história e para o cinema brasileiro, que se preocupa nos detalhes dessa representação, buscando ao máximo uma verossimilhança que transmita a riqueza e o esplendor da época e da moda do cangaço, fornecendo ao espectador uma experiência visual impactante, tal como o de quem se deparava com um cangaceiro, mesmo que uma única vez, como relatado por Frederico Pernambucano de Mello (EscriturasEditora, 2013).

3. O CANGAÇO NA LITERATURA E NO CINEMA – ENTRE O FANTÁSTICO E O REAL

Ao ouvirmos as histórias sobre o cangaço, nos deparamos com narrativas que parecem inimagináveis, com personagens míticos e eventos que parecem ter existido apenas num mundo fictício. Esse fantástico que retoma ao princípio da humanidade de contação de histórias de geração para geração, embora existam muitos mitos, aconteceu de verdade, e é justamente por esse fato histórico e social parecer irreal, que repercutiu e propagou na literatura e no cinema grandes obras conhecidas mundialmente.

De acordo com Silva e Alencar (2008), a literatura brasileira e a história se enriquecem mutuamente à medida que se interligam. Estas duas disciplinas sempre se entrelaçaram, fundindo-se para criar narrativas, oferecendo novas perspectivas e oportunidades de pesquisa, ampliando os horizontes dos estudos literários e historiográficos, e permitindo também o surgimento de novos temas sobre o mundo cangaceiro.

Diversos escritores arriscaram navegar pelas ondas violentas de sangue do cangaço, explorando aspectos sociais, culturais e psicológicos. Dentre eles está Franklin Távora com o livro *O Cabeleira* (1876), um romance baseado em fatos que ocorreram no Nordeste do Brasil no período colonial e narra a história do Cabeleira, como era chamado José Gomes, que, de menino angelical agraciado pelos ares maternos, foi corrompido pela natureza ríspida de um pai criminoso. Nesse romance traços do regionalismo e do naturalismo se misturam. Acompanhamos um homem que era para ser naturalmente bom, mas que, pela influência paterna e social do meio em que vivia, foi pervertido e obrigado a agir instintivamente, como um animal predador, que era alimentado de fama e de honra a cada presa que dilacerava. Os dentes afiados eram de ferro, o primeiro de Cabeleira foi um “punhalzinho” feito por seu pai que era, nas palavras dele, “para não sofreres desaforo de ninguém, seja menino ou menina, homem ou mulher, velho ou moço, branco ou preto” (Távora, 2014, p.66), e, dando o objeto ao filho, deu-lhe também uma advertência, não de pai, mas de bandido: “se alguma vez entrares em casa, como entrastes hoje,

apanhado, chorando, ouve o que estou te dizendo, dou-te uma surra de tirar pele e cabelo, e corto-te uma orelha para ficares assinalado” (p.66).

Um traço que parece comum na maioria das obras sobre o cangaço é a imagem do sertão como um lugar marcado pelo patriarcado e pelo machismo, onde a honra do homem era um código de conduta que não tolerava ousadias e traições. Para Costa (2021):

O sentido de honradez, de provar que era “cabra macho”, homem de bem, era tão forte que qualquer situação que afetasse a honra era motivo para revoltar-se e agir contra quem praticava atos opressores. Essas ações de valentia, de lutar e morrer pela honra, eram o principal discurso entre os cangaceiros, configurando-se como a principal razão para a aderência e atuação no movimento do cangaço (Costa, 2021, p. 4).

A honra sertaneja, a ideia de homem de bem, estava/está intimamente relacionada à reputação pessoal e familiar. Desse modo, a desonra moral provocada por humilhações, violência física ou moral, assédios, era uma intimação para a entrada no cangaço. Vemos isso na literatura também na história de Germano, no livro *Cangaceiros*, de José Lins do Rego, um sertanejo que trabalhava na engenhoca de rapadura de um capitão com seu irmão e que mais tarde se tornou cangaceiro devido à raiva que possuía da volante por ter “estragado” as suas irmãs. Na narrativa de Rego, Terto, irmão de Germano, conta que “Germano não podia olhar para as meninas. E me disse mesmo uma vez que, pelo gosto dele, matava as duas. Moça desonrada assim, não valia a pena viver” (Rego, 2022, p. 44). A honra masculina era tão sagrada que não somente odiava quem praticou a desonra, mas desprezava quem as tornou possível, embora sendo neste meio a maior vítima, mostrando que a honra da mulher para a família era sagrada, e uma mulher violentada perdia o seu valor e desgraçava sua casa, pois a mulher desonrada desonrava também os homens de sua família.

Tanto a literatura quanto o cinema retratam um sertão hostil, que era ameaçado com a falta de água, de recursos, de políticas públicas e também pelos cangaceiros e pela ação da volante. Essa visão multifacetada fez surgir obras que transitam entre a fidelidade histórica, onde a literatura e o cinema buscam manter a autenticidade, a veracidade dos fatos, retratando os acontecimentos, o cenário, as vestimentas, as personagens de maneira mais

semelhante possível por meio de pesquisas históricas, geográficas e culturais; e a ficção, que envolve a criatividade, se utilizando de efeitos emocionais para tornar a narrativa mais envolvente, mesmo que isso se afaste da realidade dos eventos, o que por muitas vezes tem provocado um estereótipo sobre o sertão e sobre os sertanejos, abordando em filmes e novelas um sertão configurado como o retrato da pobreza e os personagens, bobos ou ignorantes, tem um sotaque exagerado ou caricatural. Além disso, há a generalização da seca e da violência, o que contribui para uma visão preconceituosa sobre a região. Embora haja muitos mitos, alguns fatos são retratados com fidelidade, como algumas questões do cangaço, do coronelismo, dos abusos de poder, porém vale ressaltar que o sertão e o Nordeste não se reduzem a isso, sendo também importante destacar que o sertão apresentado nas narrativas dos livros e nos enredos dos filmes, é um sertão de quase um século atrás, portanto devemos olhar para ele, a sua época e seu contexto.

José Lins do Rego, conhecido pelo Ciclo da Cana-de-Açúcar, é um dos nomes que não passou despercebido ao abordar o tema cangaço. O autor escreveu dois livros que compõem o Ciclo do Cangaço: *Pedra Bonita* (1938) e *Cangaceiros* (1953), retratando a questão social do cangaço no Nordeste, entre a seca e o misticismo, as tramas são voltadas para a presença de cangaceiros e para o fanatismo religioso, elementos importantes para a reconstituição do cenário em que se deu um evento fatídico e histórico em Pernambuco, em função do qual os romances se desenrolam.

Jorge Amado, em *Seara Vermelha* (1943), livro que acusa a luta dos sertanejos retirantes ameaçados pela fome e pela doença, discorre sobre os caminhos encontrados por eles como saída da realidade inóspita em que viviam, em que poucos conseguiam chegar ao destino da viagem, alguns morriam no caminho, outros ficavam em fazendas para trabalhar ou se agarravam à religiosidade de um profeta. O escritor apresenta também a fuga através do cangaço, narrando a vida do temido e famoso cangaceiro Lucas Alvoredo, pelo qual reflete a sua perspectiva sobre o cangaço como reflexo das desigualdades sociais. O cangaceiro Lucas Alvoredo, apesar de ser um bandido, saqueador e estuprador, não é odiado pela população por ser um nordestino como os outros, faminto, pobre e de tal maneira devido ao descaso

do sistema. Silva e Alencar (2008) nos dizem que, apesar de os cangaceiros agirem com tanta violência, eles não foram esquecidos,

(...) talvez porque mesmo sob o espectro da violência e sob o estigma do banditismo eles representaram a rebeldia sertaneja contra o mandonismo do coronel; talvez seja pelo fato de, no início, terem respeitado o código moral sertanejo e não terem ofendido tantas famílias; talvez seja porquê mesmo com tantos crimes eles tenham representado o grito dos excluídos daqueles tempos; talvez pela própria sedução de uma vida aventureira (Silva e Alencar, 2008, p.41).

Nessa perspectiva, a visão do cangaceiro como um herói fora da lei está baseada na representatividade dos excluídos e marginalizados da sociedade. Apesar dos muitos crimes, a luta dos bandos de cangaceiros era vista por muitos como a voz contra as injustiças que assolavam o Nordeste, a única voz que poderia ser ouvida pela desordem que causava e a única que tinha capacidade de confrontar o poder dos coronéis e a ausência do poder público.

Um traço em comum em algumas das obras que abordam o cangaço ou a seca no Nordeste, como *Pedra Bonita* (1938), *Cangaceiros* (1953), *Seara Vermelha* (1943), *Romance da Pedra do Reino e o Príncipe de sangue do vai-e-volta* (1971), *Os sertões* (1902), entre outras, é o retrato de um sertão envolto de beatos e cangaceiros. Isso porque, no momento em que o Nordeste brasileiro enfrentou graves secas e pobreza generalizada, além dos grupos de cangaceiros, surgiram também movimentos religiosos como fontes de consolo e resistência. Em tempos de crise, os “santos” surgiram, proporcionando esperança e conforto espiritual às comunidades que lutavam com os efeitos das condições climáticas e sociais da região.

O messianismo no Nordeste, provindo do mito do sebastianismo português, que surgiu devido ao desaparecimento do jovem Rei Sebastião durante uma batalha, não sendo encontrados nem seus restos mortais, fez com que se construísse o mito de que um dia ele retornaria para fazer justiça e para salvar Portugal, chegou ao Brasil por um morador de Pernambuco chamado João Antônio dos Santos, que afirmava ter recebido um comunicado do Rei dizendo que retornaria em Pedra Bonita–PE (toponímia do local com duas pedras paralelas se assemelhando a grande torres), que, quando isso acontecesse, traria a salvação do povo da miséria daquela região. Para o povo, que sofria com a escassez de água, alimento e de qualquer tipo de assistência,

só restava a fé, a fé depositada em um “falso profeta” que negociava a salvação, a vida de uns, em troca da morte de outros, ainda menos favorecidos: mulheres e crianças.

Para combater fanáticos e cangaceiros, a força volante circulava pela região, que, já cheia de flagelos, tinha que suportar mais este. Os soldados iam aterrorizando pelo caminho tanto quanto os cangaceiros, espancavam e prendiam os coiteiros e os suspeitos de acoitarem os cabras, não escapando criança nem mulher - quando não violentavam sexualmente as moças das famílias. Esta é a desgraça do sertão retratada na literatura do cangaço. “É o que sobra para sertanejo. Quando não é a seca é o cangaceiro, é o soldado” (Rego, 2022, p. 34).

Não só de romances vive a literatura do cangaço. Rachel de Queiroz escreveu uma peça de teatro denominada *Lampião* (1953) que narra a partir de muita investigação a vida de Virgulino Ferreira da Silva. A escritora narra e descreve os fatos históricos sem deixar de lado a emoção própria do seu estilo. Outra peça teatral que, apesar de não ter como foco principal o cangaço, e aborda de modo cômico a figura de Severino, o cangaceiro típico (violento e ameaçador, que assusta a população e saqueia dos outros para se beneficiar. *O Auto da Compadecida* (1955), escrito por Ariano Suassuna e que apesar de mostrar esse perfil do cangaceiro, revela outro lado, um cangaceiro não muito astuto enganado por João Grilo e Chicó. Enquanto estes são espertos e trapaceiros, Severino é um homem sem muitos méritos, que age pela violência como resposta à violência sofrida pela seca e marginalização.

Apesar de muitas histórias sobre os cangaceiros, como a supracitada, serem contadas tendo o cangaço como uma fonte de renda para sobreviver às adversidades do território, vale lembrar que este não era o único motivo da formação dos bandos e do ingresso de novos integrantes. Alves (2021) com base em Pericás (2010) diz que apesar do cangaço se tratar de um movimento oriundo de classe baixa, poucos líderes importantes do cangaço, como Sinhô Pereira, Antônio Silvino, Jesuíno Brilhante, entres outros, fazia parte da classe menos favorecida, sendo eles em sua maioria possuidores de recursos financeiros, como o famoso Lampião, que vinha de família modesta, ou seja, não vivia em situação de pobreza.

Noelma Gomes Alves é mais uma escritora do tema cangaço. Em seu livro *Filha de Cangaceiros* (2021), a autora traz a trajetória de vida de Maria Niva da Silva, filha de Gertrudes Maria da Silva e do cangaceiro Manoel Cililio, de alcunha Jurema, este, tio de Corisco, a quem ia se juntar em busca de recursos para sustentar sua família, mas, devido a um desencontro, Manoel Cililio formou um grupo autônomo do qual se tornou líder (Alves 2021). A história de Jurema nos mostra que, apesar desta não ser a única razão para se tornar cangaceiro, é um incentivo.

Alves (2021) relata a história de alguns cangaceiros e seus familiares a partir de relatos de parentes destes indivíduos que foram testemunhas oculares ou ouviram relatos de memórias que foram oralmente transmitidas por gerações, ademais, foi a partir da contação de histórias orais que o cangaço repercutiu no sertão do Nordeste, pois grande parte dessa população não era alfabetizada, sendo os contos orais responsáveis por transmitir as aventuras e os acontecimentos da época e do cangaço. Visto que é quase impossível contar um conto sem aumentar um ponto, muitas dessas narrativas foram sendo modificadas e fantasiadas a cada repercussão.

Além das obras de ficção e das narrativas biográficas, a história do cangaço fez muito sucesso nos folhetins conhecidos como cordéis. Inclusive, a literatura de cordel foi um importante meio de repercussão das façanhas do cangaço e da volante. Tendo como principal veículo para narrar os fatos a oralidade e a composição de poesias em rimas como repentis, emboladas como parte da cultura popular, logo o cenário da violência vivida no sertão se tornou o assunto dessas poesias, que ganharam repercussão sendo impressas em folhetins que ficavam pendurados em cordões, por isso o nome cordel.

De acordo com Alves (2017), os primeiros poetas a escreverem sobre o cangaço em rimas a partir dos folhetos foram: Leandro Gomes de Barros (1865–1918); João Melquíades Ferreira da Silva (1869–1933); Francisco das Chagas Batista (1882–1930); José Camelo de Melo Rezende (1885–1964). Na literatura brasileira, muitos escritores se valeram dos cordéis e das cantorias que fazem parte da cultura nordestina como fontes para a escrita de suas obras.

A partir dessas obras, vimos como a literatura se insere na atmosfera violenta do cangaço, explorando desde as motivações que levaram os sujeitos

ao cangaço, as relações sociais e de poder. Diante desse contexto, muitos autores fazem uso de metáforas para explorar questões mais amplas relacionadas a demandas sociais.

A literatura não foi a única a se inspirar nos insurgentes do sertão, todo esse cenário fantástico instigou também produções cinematográficas de grande sucesso. Inspirados nos filmes de faroeste e nas figuras do cowboy presente nos Estados Unidos conhecidos como *western*, no Brasil se figurava o cangaceiro nas telas do cinema, num cinema denominado de *Nordestern*, antes mesmo da morte de Virgulino Ferreira da Silva, com os filmes *Filho sem mãe* (1925), *Sangue de irmão* (1927) e *Lampião, a fera do nordeste* (1930). Assim como alguns escritores, cineastas também beberam da influência dos cordéis por serem grandes fontes de cultura e conhecimento popular.

(...) cineastas como Paulo Gil Soares, João Batista de Andrade, Geraldo Sarno e Glauber Rocha evocaram a literatura de cordel como forma de compor suas obras, este último incorporou a estética do universo do cordel no Cinema Novo, *Deus e o diabo na terra do sol* (1963) e *O dragão da maldade contra o santo guerreiro* (1969) sem dúvida representam bem essa imagem (Varjão, 2018, p. 521).

Glauber Rocha foi tão feliz em suas produções, que estas suas duas obras se tornaram as mais famosas e valorizadas do cineasta. O primeiro se trata de um filme marcante sobre o cangaço que navega entre os diversos aspectos vivenciados naquele momento de crise enfrentado pelos sertanejos como o surgimento de movimentos, como o próprio cangaço e os movimentos messiânicos, a luta do homem do campo para sobreviver à miséria, o desespero frente às adversidades da seca e a opressão latifundiária.

O filme conta a história de Manuel, um vaqueiro que se revolta contra a exploração de um coronel e o mata, sendo a partir de então perseguido, decide fugir com sua esposa Rosa e se juntar ao grupo de seguidores do Beato Sebastião, que prometia o fim do sofrimento numa terra fértil e próspera que havia de vir. Manuel se torna um fiel devoto do beato e fica cego pela promessa de uma vida melhor. A face oculta de Sebastião se revela quando pede para o vaqueiro sacrificar um bebê e uma mulher que seria a sua esposa. O sacrifício do recém-nascido é feito, mas, na vez da mulher, esta inverte o jogo e assassina o beato; a partir de então o casal busca refúgio no cangaço,

indo ao encontro de Corisco. O messianismo do filme vai de encontro à Guerra de Canudos e Antônio conselheiro, reflexo do Sebastianismo de Portugal, é tanto que o nome do personagem é Sebastião, nome do príncipe que se deu origem ao mito.

O cineasta exhibe essa dualidade sertaneja que também está presente nos livros: a busca por um destino melhor através da religião, não na perspectiva teológica, mas uma religião pela perspectiva do povo, da cultura e credences, e da violência. Enquanto os fanáticos têm como ser supremo o beato, o cangaço tem Lampião, contudo o filme também mostra a religiosidade dos cangaceiros, a crença na proteção divina através das orações. Buscando retratar um sertão hostil, o longa cumpre seu objetivo com imagens de um sertão devastado, árido e úmido de sangue. A imagem do cangaceiro no filme é de resposta do indivíduo à sociedade, a violência é justificada na injustiça, o cangaceiro luta contra os poderosos em busca da sobrevivência, no entanto, o lado obscuro do cangaço é mostrado no filme e em todos os personagens, seja cangaceiro, beato ou matador, há uma disputa moral entre o bem e o mal.

Em *O Dragão da Maldade Contra o Santo Guerreiro* (1969), Glauber Rocha dá continuação à narrativa do filme citado anteriormente com Antônio das Mortes, o matador de cangaceiros, e trazendo uma reflexão social e política sobre o controle do estado ao seu povo, e faz uma forte crítica ao coronelismo através da poética e de uma cinematografia ousada.

Lima Barreto também foi um cineasta que, com os diálogos do roteiro escritos por Rachel de Queiroz, retratou em seu filme *Cangaceiros* (1953) essa história da cultura nordestina. O filme, retratando as estruturas sociais e figuras brasileiras, foi a porta de entrada para o cinema nacional no círculo cinematográfico de renome e ficou conhecido mundialmente. Ele traz uma forte invenção do Nordeste, apresentando uma verossimilhança entre o cenário com o sertão do Nordeste, as casas singelas, o solo seco e de poeira rebelde, a personagem de Galdino representando a figura histórica de Lampião, a estética e indumentárias do cangaço nos figurinos, desde o chapéu ornado de estrelas, as cartucheiras, até os acessórios como os anéis de Lampião.

A dimensão amorosa misturada com o cangaço foi um traço que tornou este filme singular. O amor floresce na narrativa como o sentimento nobre que impulsiona a mudança do homem, nesse caso, a mudança de Teodoro, um

homem que vai parar no cangaço sem ter muita alternativa porque foi o meio que encontrou para se proteger após ter cometido um crime. Só no bando conseguiria a proteção dos demais cangaceiros, proteção que se tornou perseguição a partir do dia que Teodoro se apaixona por uma professora raptada pelo capitão Galdino, esperando lucrar o seu resgate ao mesmo tempo que também nutre sentimentos por ela. Pretendendo ver a sua amada livre, Teodoro resolve fugir com a moça e enfrenta a perseguição do resto do grupo, que deseja vingar a sua traição. Essa dinâmica de vilão para herói constrói uma complexidade do personagem em meio ao conflito interno entre a lealdade ao grupo de cangaceiros, que o acolheu e protegeu, e seu amor pela professora.

A figura de bandido e bom moço também transita em algumas cenas do filme na personagem de Galdino, que, apesar de extremamente violento e de sua política de matar ou matar, saquear fazendas e não tolerar traições, é justo ao fazer um dos seus homens pagar uma cabra que matou de uma senhora e de libertar os pássaros que estavam presos em gaiolas, quebrando todas logo em seguida. Ao mesmo tempo, produz uma imagem do cangaceiro como um quase demônio, contudo, segundo narrativas populares, muitas atrocidades encenadas aconteciam de fato no cangaço, como o *galope*, prática em que a vítima era amarrada a um cavalo e arrastada por quilômetros entre as pedras e a vegetação espinhosa até a morte.

Outra dualidade que aparece fortemente neste, como em outros filmes sobre o cangaço, é a brutalidade do movimento misturada à religiosidade, uma religiosidade cultural de rezas, ofícios e novenas, das medalhas de santo de proteção e rosário no pescoço. Esse é o traço do cangaço que ficou ainda mais conhecido a partir das gravações de Benjamim Abraão, um libanês que se tornou secretário do padre Cícero de Juazeiro–CE, este muito próximo de Lampião, e conseguiu registrar as únicas filmagens de Lampião, Maria Bonita e do restante do grupo, o qual gravou cenas dos seus dias mais tranquilos no meio do mato, onde festejavam, descansavam e realizavam suas orações devotamente.

A imagem da mulher no cangaço apresentada por Lima Barreto é de diferentes perspectivas. Temos Maria Clódia, esposa do capitão, que é uma mulher desinibida, de personalidade incisiva, forte e resiliente. Traz também

Olivia, a professora raptada que, apesar do contexto, não se deixou abater, mostrando-se uma mulher de coragem e virtuosa. Outras mulheres são mostradas nos filmes raptadas como escravas, essas eram agredidas, torturadas, ferroadas e desrespeitadas pelos homens do grupo, o que se contradiz com os relatos com os relatos acerca da participação da mulher no bando, como o da ex-cangaceira Dadá, que diz que o trabalho do bando era de todos, homens e mulheres.

Os confrontos de poder são outra característica que transparece no longa-metragem. Existe uma hierarquia entre os personagens. Nesta hierarquia, o crime, neste caso os cangaceiros, estão acima das autoridades, dos policiais e da população. O crime se fortalecia quando, na dominação de classe, os coronéis firmavam pacto com os cangaceiros para perseguirem e se vingarem de seus inimigos como forma de dominação, em troca de alimentos, armamentos, munições e até máquinas de costura, no caso do bando de Lampião. Vemos esta hierarquia no filme, na cena em que Galdino, ao encontrar com os engenheiros e funcionários do governo que estavam planejando uma rodoviária no sertão, ameaça o funcionário mandando recados para o governo.

Este traço é relatado também em *A Morte Comanda o Cangaço* (1961), de Walter Guimarães Motta, que nos primeiros instantes exhibe a cena de um cangaceiro levando um recado de um coronel que exigia 20 contos de réis a um camponês pela proteção da família. Logo após, o bando inteiro volta para intimidar a família e levar o dinheiro, provocando um conflito armado. A cineasta expressa na personagem da mãe do camponês a revolta do povo com a exploração dos coronéis e de alguns cangaceiros que possuíam aliança e que exerciam, assim, autoridade sobre o território e as comunidades locais, controlando os recursos econômicos e as instituições políticas e sociais. Estes coronéis são retratados como indivíduos formidáveis e tirânicos, explorando a população rural e reforçando o seu domínio por atos de agressão e coerção. O filme é um retrato do coração do Nordeste e do cangaço. Enquanto havia cangaceiros que se revoltavam contra as ações dos coronéis outros se aliavam a eles para conquistar poder e coito. Havia, então, uma troca de favores: os coronéis abrigavam e ajudavam com recursos os foras da lei, e eles protegiam a família e se vingavam dos seus inimigos.

Um filme que se destacou nesse meio dos retratos do cangaço foi o *Baile Perfumado* (1996), com direção conjunta de Lírio Ferreira e Paulo Caldas, narrando a história de Benjamim Abrahão, o secretário libanês do padre Cícero que deu gesto e movimento ao cangaço que até então era documentado apenas em foto. Portanto, ele é uma figura importante no cangaço e na história do cinema documental brasileiro. Este filme difere um tanto dos outros, visto que apresenta uma visão mais humanizada de Lampião e do seu bando, exibindo as cenas do filme de Benjamim Abrahão, *Lampião, o rei do cangaço* (1936), que são as únicas gravações dos cangaceiros e cangaceiras. Em comentário acerca desse documentário, Alves (2021) diz que:

O governo de Getúlio Vargas, não fazia vista grossa ao cangaço, mas tudo mudou quando um documentário foi produzido, e exibido para todo o país, mostrando o dia a dia desses bandoleiros. O conteúdo do vídeo mostrava como os cangaceiros eram alegres, bem vestidos, ostentando suas joias, armas para câmera. Mas, este documento não agradou o presidente, pois se sentiu afrontado, porque os bandoleiros não pareciam ser fugitivos da polícia, onde mostrava a incompetência das autoridades policiais, por este motivo ele tomou uma atitude de ordenar aos governadores do Nordeste que acabasse com este movimento e principalmente o capitão Virgulino Ferreira (Alves, 2021, p.87).

Baile Perfumado é uma obra de ficção que apresenta a vida de Lampião de maneira aprofundada, saindo apenas do bandido líder do cangaço, mas adentrando a sua natureza humana mais íntima. Desse modo, apresenta uma representação mais complexa e multidimensional do personagem, indo além da representação de vilão ou herói, mostrando-o como um homem, como todos os outros seres humanos, que enfrenta incertezas, medos, lutas internas e momentos de vulnerabilidade, proporcionando uma perspectiva mais empática do personagem, se afastando da imagem cinematográfica do cangaceiro construída a partir dos bandidos mexicanos estereotipados de Hollywood. Lampião, neste filme, é o oposto.

A exibição estética do filme, com a reprodução das cenas reais, o cenário histórico da cidade ribeirinha que abrigou o grupo de cangaceiros, o figurino entre chapéus de couro com enfeites, cartucheiras, embornal com flores, lenço e anéis, a Maria Bonita com o pescoço envolto de correntes de ouro, as roupas da volante se assemelhando às dos cangaceiros, a volante

invadindo a casa de um suposto coiteiro e assediando uma mulher e a religiosidade do bando expressa em orações e rosários sobre o pescoço, criam uma verossimilhança entre a ficção e a realidade. Ademais, a recriação e a contação de história da invasão do cangaceiro Gato a Piranhas não narra somente um evento histórico importante, mas contribui para entendermos a dinâmica das forças que comandavam o sertão e a resistência do povo frente a ela.

Atualmente, o cinema continua interessado em desenvolver obras desse marco histórico do Nordeste e do Brasil. A plataforma da Netflix lançou no ano de 2017 o filme *O Matador*, de Marcelo Galvão, que gira em torno do Cabeleira, um matador de aluguel criado por um cangaceiro. É notória a inspiração no livro *O Cabeleira (1876)*, de Franklin Távora, contudo a história é recriada de maneira criativa, percorrendo entre as obras do faroeste e a cultura do sertão nordestino. Fugindo de todos os estilos abordados até aqui, a Netflix estreou no fim de 2022 a série *O Cangaceiro do Futuro*, que conta a história de um morador de São Paulo chamado Virguley, que tem coração nordestino. Ele retorna ao ano de 1927 no corpo de Virgulino (Lampião) e revive sua história de maneira inusitada, numa abordagem cômica, não deixando de mostrar esse recorte da história com suas intempéries, como o fato do coronelismo.

Nas linhas de cada livro, nas cenas de cada filme, vê-se escancarada a pobreza, a violência e as desigualdades sociais existentes na época e região em que o cangaço se difundiu fortemente no sertão, um

[...] sertão de fome, feiras e estações de trens; telégrafos e telefones; de vidas que rastejam, andam, correm, voam ou nadam; vidas que devoram ou são devoradas; dos retirantes, de prostíbulos a beira da estrada, de brigas de famílias e contos de Réis; credos, igrejas, beatos e missionários; viajantes. Semiárido, cenário do sol avermelhado e do chão rachado, onde tanto sangue fora derramado; neste mundo sertanejo retratado por muitos, como sendo, ósseo, magruço, espinescido, cálido e seu paradoxal inverno; em meio a tudo, eis que brota a cultura popular! (Silva e Alencar, 2008, p.50).

Uma cultura de contações de histórias, mitos e de muita criatividade, que deram o espaço para o enriquecimento da nossa literatura e das tramas cinematográficas que, misturando o mítico e o real, criam uma narrativa que encanta, mostrando a dura realidade da luta contra a opressão e as injustiças,

e a vida em um sertão bucólico em que as circunstâncias levaram ao surgimento de grupos do cangaço.

Enquanto algumas destas obras apresentam uma visão mais romantizada do cangaço, tentando humanizar os cangaceiros e representá-los como homens carismáticos, violentados pelo solo e pelo governo, outras buscam denunciar o abalo social causado pela violência e desumanização dos cangaceiros. No entanto, percebemos que, apesar da representação desses grupos como bandidos, há uma visão ampla que vê, além da reação desses sujeitos, as suas causas. Ou seja, os motivos, o contexto político, social, regional ou mesmo emocional que são motivadores desses reagentes, sujeitos marginalizados e oprimidos que confrontam as tradicionais percepções de identidade nacional brasileira.

Apesar de termos algumas representações simplistas no cinema nacional que limitam o cangaço a um grupo violento e sanguinário, algumas abordam uma visão contextualizada do movimento e de sua dimensão cultural. Essa associação do cangaço à mera barbaridade sem justificativa, à seca e ao Nordeste pode gerar uma naturalização da violência e uma estigmatização da região (todo nordestino é violento, toda a região é seca) na representação da figura do cangaceiro nas telas, o que provoca preconceitos e limita a compreensão da região e de sua história. Portanto, são importantes essas obras que explorarem as complexidades históricas e sociais envolvidas no cangaço, pois trazem um olhar crítico e reflexivo, buscando entender as causas profundas deste fenômeno.

4. **PEDRA BONITA E CANGACEIROS: O CICLO DO CANGAÇO EM JOSÉ LINS DO REGO**

Pedra Bonita e Cangaceiros, do romancista José Lins do Rego, são retratos ficcionais da cultura, memória e história do Nordeste. Publicado no ano de 1938, *Pedra Bonita* foi o primeiro livro do Ciclo do Cangaço, do misticismo e da seca do escritor, tendo como o segundo e último livro *Cangaceiros*, publicado 15 anos depois, em 1953, dando continuidade à narrativa do primeiro.

4.1. O AUTOR

O paraibano José Lins do Rego, criado em um engenho por seus avós após a morte de sua mãe quando ainda tinha 1 ano de idade, usou das memórias infanto-juvenis para, através da literatura, dar invenção ao ciclo da cana-de-açúcar composto, pelas famosas obras: *Menino de engenho* (1932), *Doidinho* (1933), *Banguê* (1934), *O moleque Ricardo* (1935), *Usina* (1936), e *Fogo Morto* (1943), o último sendo o de maior reconhecimento.

Descendente de senhores de engenho, o romancista soube fundir numa linguagem de forte e poética oralidade as recordações da infância e da adolescência com o registro intenso da vida nordestina colhida por dentro, através dos processos mentais de homens e mulheres que representam a gema étnica e social da região (Bosi, 2012, p.425).

Segundo Bosi (2012), as obras do autor se fundem em uma dupla gênese: a memória e a observação, que, atreladas à espontaneidade e ao instinto de autor, se utiliza de fontes como a de cantadores da feira para enriquecer suas criações.

Como retratamos na sessão anterior, no Nordeste o principal meio de transmitir os acontecimentos e de muitas vezes fazer críticas era através das rimas da musicalidade, como os repentos e cordéis, e foi por meio destes que as façanhas do cangaço ganharam alta repercussão. Visto que muitos escritores se utilizaram desses recursos como fonte de inspirações na construção de suas narrativas, podemos considerar que Lins do Rego se apoiou nesse meio de contação de história para escrever o ciclo do cangaço, misticismo e seca, já que as façanhas dos cangaceiros, especialmente de Lampião e Maria Bonita, e Corisco e Dadá, eram temas frequentes das

cantorias. Referente a isso, Bosi (2012) relata que, muito provavelmente, o romancista tenha se inspirado “na literatura de cordel tão difundida no Nordeste desde o século passado” (p.427) para descrever o messianismo e o fanatismo religioso ocorrido em Pedra Bonita. Segundo o estudioso, ao ser indagado por um amigo sobre o por que não continuava *Pedra Bonita*, Lins do Rego responde que não tem mais lido as poesias de João Martins de Ataíde, escritor, poeta, cordelista e editor que difundiu a literatura de cordel brasileira, e “que queria escrever a história dos Vieiras, família de cangaceiros de Nordeste, e toda história dos Vieira está no repertório de Ataíde” (Bosi, 2022, p.427).

O reflexo dessa cultura popular aparece nas narrativas para além das histórias impressas nas personagens da família Vieira, em personagens cantadores e violeiros como Dioclécio, “que sabia de histórias. A vida dos cangaceiros maiores, de Antônio Silvino, de Jesuíno Brilhante, de Cabeleira” (Rego, 2022, p.62). Andava pelo sertão espalhando em suas cantorias os acontecimentos infaustos sobre os cangaceiros que saqueavam as fazendas, sobre as famílias dos cangaceiros que pagavam por tudo que eles faziam e da volante que passava “como pé de vento, levando tudo de rojão” (Rego, 2022, p.209).

4.2. AS OBRAS: *PEDRA BONITA E CANGACEIROS*

A obra *Pedra Bonita* é dividida em duas partes, a primeira denominada *A vila do Açú* e a segunda, *Pedra Bonita*. Tem como personagem principal Antônio Bento Vieira, de apelido Bentinho, deixado pelos seus pais aos cuidados do Padre Amâncio, na vila do Açú. A família era natural de Pedra Bonita, mas, devido à forte seca de 1904, se retiraram das suas terras, retornando tempos depois. Bentinho não tinha contato com sua família, a não ser pelas visitas esporádicas da sua mãe, e, apesar de Pedra Bonita não ser tão distante da vila do Açú, o menino não sabia nada a respeito da sua terra natal, crescera ao lado do padre servindo no altar durante as celebrações das missas, tocando o sino da igreja e ajudando o padrinho, e essa era a sua vaidade. Tudo que Bentinho sabia de Pedra Bonita era que os moradores do Açú acusavam-na de toda desgraça que lá acontecia, o que despertava cada dia mais a sua curiosidade. O padre Amâncio era um homem bondoso, “todos

eram de acordo que nunca aparecera por ali um padre como aquele, sem interesse, sem ‘bondade’” (p.43). Sua figura é comparada com a do padre Cicero do Juazeiro. O padre liderava a cidade e amava seu afilhado, cuidava dele com muito carinho, mas ele e a negra Maximina, criada do sacerdote, eram os únicos do Açú que tinham afeição pelo rapaz. Todo o povo da vila concordava que “aquele menino era uma cobra” (Rego, 2022, p.56), na infância as mães dos meninos da vila não deixavam que brincassem com ele, pois não poderia sair nada de bom da Pedra.

Bentinho era um menino bom, fiel às virtudes que havia aprendido com seu padrinho, mas sua mente foi mudando e ele passou a ter olhos diferentes sobre a gente do Açú, odiava aquelas pessoas. Ficou aos cuidados do padre para um dia também se tornar um; contudo, as condições financeiras não permitiram que a vida de Antônio Bento tomasse esse rumo. Perdido nas inquietações de um adolescente sobre o seu futuro, Bentinho vivia no desassossego dos seus pensamentos até o dia que chegou na vila um cantador chamado Dioclécio, por quem o rapaz se encantou e se transformou muito mais após conviver com ele. “Dioclécio foi transformando Antônio Bento, descobrindo para o criado do Padre um mundo novo. Aquele homem sujo, de cabelos grandes, viera ao Açú para virar a cabeça do menino” (p.72). O cantador foi expulso do local pelos moradores, que suspeitaram de sua índole, mas, depois da visita do amigo, Bento nunca mais foi o mesmo, quis tornar-se também um cantador, sair pelo mundo afora, se não fosse pelo seu padrinho

[...] teria fugido com Dioclécio, teria fugido com o homem mais feliz do mundo. O que andava pelas terras, o que amava mulheres lindas e vira um milagre, uma força de Deus se exercendo. Antônio Bento vacilava assim entre o padre Amâncio e o mundo que Dioclécio descobrira. As terras viajadas por ele, as noites estreladas que cobriam os sonhos de Dioclécio. Deixar o Açú e sair pelo mundo seria grande para ele, mas não sabia cantar (Rego. 2022, p.78).

É através do cantador que José Lins dá um vislumbre do cangaço nessa primeira parte do livro, narrando o que Dioclécio havia presenciado das barbaridades dos cangaceiros em uma fazenda. O cangaço aparece diretamente páginas depois, quando um grupo invade a vila do Açú para saquear os moradores, matando um soldado que havia resistido e causando muita comoção. O cangaceiro é apresentado aqui como uma autoridade de

maior poder, os cabras haviam prendido o juiz municipal, estavam com o major Evangelista embaixo das armas e tinham assassinado o soldado. Essa ação dos cangaceiros sugere em quais mãos o poder local estava concentrado, revelando a partir do confronto e da ousadia dos cangaceiros a força que prevalecia. Na cena, os cangaceiros tomaram todo o dinheiro do major e do coronel Clarimundo, que eram os mais apossuídos da vila, o que transmite a ideia de cangaceiro “justo” que “só tira dos ricos” (Rego, 2022, p.102).

Na segunda parte do livro, a pedido do padre Amâncio que precisou viajar, Bentinho vai passar uma temporada com sua família na Pedra Bonita, se o jovem já passava por transformações, nessa fase de contato com suas raízes, podemos dizer que Bentinho saí da fase de larva para a da crisálida, que, apesar de parecer casa, não é um lugar confortável. Ao chegar no seio da sua família, na serra do Araticum, Bentinho se encontrou com os seus: sua mãe que lhe queria muito bem e que o estimava muito por ser educado por um padre, mesmo não tendo realizado o sonho de vê-lo vestido em uma batina; seus irmãos: Aparício, um rapaz “forte, alegre, cheio de vontade, falando de brigas, com armas no quarto, experimentando pontarias nos pés-de-pau” (Rego, 2022, p.152) e Domício, tocador de viola, que se tornou o confidente de Bentinho; e, por fim, o seu pai Bentão, homem insensível, preso à sua terra e que desprezava Antônio Bento pelo ódio que tinha ao território que ele crescera, ódio que “estava dentro da terra, dos corações, dos matos, nas pedras” (Rego, 2022, p.153) e que não seria vencido pelo DNA.

Ao retornar para a casa dos pais, Antônio Bento queria saber mais da sua terra, na qual há muito não tocava os pés e que escondia tanto mistério. Domício, como irmão mais velho, sentia a obrigação de agradar a Antônio Bento, mas pouco sabia sobre os segredos da Pedra, então dirigiu-se com ele entre a vegetação espinhosa do sertão à procura de um morador sabido, o velho Zé Pedro do serrote Preto, que carregava na memória uma enciclopédia sobre a região. Os irmãos descobriram mais do que gostariam: o mistério não envolvia só a terra de Bentinho, mas os seus antepassados. Foi um homem do seu sangue que entregou o santo e os seus seguidores para a tropa da polícia. Foi devido a um dos seus que centenas foram executadas, incluindo o enviado de Deus que salvaria o povo do sofrimento. Nesta parte do livro as credices e o fanatismo religioso são capturados pelas narrativas do velho Zé Pedro, que

mostra o reflexo da esperança, ou da falta dela, do desespero dos sertanejos movidos pelo único fio de fantasia que lhes restava, que era a promessa de um santo sobre um futuro próspero.

A ignorância do povo em um fanatismo desenfreado se repete outra vez com a chegada de um novo santo na Pedra Bonita, um ciclo infundável, e revela a continuidade do desprezo às camadas subalternas esculpidas pela miséria e pela violência. Violência no messianismo, onde crianças de colo e mulheres eram sacrificadas, moças eram entregues ao líder e abusadas, e as ações justificadas na salvação, uns eram entregues em sacrifício para que outros pudessem viver no “paraíso”; e que se estende no livro para as barbaridades cometidas pelos cangaceiros e até pela volante, que deveria ser sinônimo de segurança. Se, pelo desespero, uns seguiam a um “deus”, outros optavam pelo “diabo”. O cangaço foi para muitos uma saída, seja da vida pacata e monótona ou da prisão, como Aparício, irmão de Bentinho, que entrou no cangaço para não ser condenado ou morrer após ter cometido um assassinato na feira por uma desavença. Para Silva (2019), o escritor apresenta, através dessas obras a

[...] desumanidade, de todas as partes, tanto dos cangaceiros, como da força policial quanto dos coronéis da terra, estes últimos como estopim de quase tudo que move a história, pois são eles a força opressora que recai sobre os mais desvalidos. Forças devastadoras que agem na esfera social, e se aprofundam nas relações entre o homem e o lugar (Silva, 2019, p. 68).

Nos livros e filmes sobre o sertão, não é raro encontrarmos personagens brutos ou violentos. Essas questões, na arte, são propagadas como características de muitos sertanejos, fazendo uma conexão entre a terra e o homem. Ele é violento porque a terra o tornou. A terra que maltrata seus próprios filhos, que lhes roubou a água, o alimento, os animais e a vida. Vemos esse reflexo, terra e homem, em “*Vidas Secas*”, romance de Graciliano Ramos, no personagem de Fabiano que, pouco abria a boca para proferir palavras ou estendia a mão para acalantar sua esposa e filhos. Também em “*São Bernardo*”, do mesmo autor, Paulo Honório é retratado como um homem rude, violento e ambicioso que não mede escrúpulos para sair das dificuldades causadas pelo meio em que vive e alcançar o sucesso material.

Em *Pedra Bonita*, essas características foram impressas em Aparício Vieira, bem como no seu pai, Bentão, que devotava seu afeto unicamente a um bode de estimação,

[...] quando não era com o bode se apegava a outro bicho qualquer. Já fora de uma cutia pequena. (...) Nunca pegara num filho pequeno nunca dera de comer a um filho pequeno, e andava com aquela cutia de rede e agora com aquele bode com agrados de toda espécie, quando não ficava horas inteiras no curral, alisando as vacas leiteiras (Rego, 2022, p.183).

As narrativas de José Lins, mesmo aqueles de natureza pacífica e escrupulosa, não escapam da sina violenta do sertanejo. Domício, um jovem cantador que sofria as dores de um poeta, sensível e de espírito frágil, dominado pelas crendices da cabocla encantada e do santo que fazia milagres, o “irmão triste que não tinha feição para o cangaço” (p.230), pelas circunstâncias, posteriormente, em *Cangaceiros*, se junta ao grupo e torna-se um cruel matador. Nas palavras do personagem negro Vicente, cangaceiro e compadre de Aparício, Domício, quando entrou no cangaço, “parecia coisa de moça. Vinha com coisa de reza, mas nem sei como virou fera. Raiva o bicho tem, no fogo. Tem mão de azogue” (p.213).

Essa visão do sertanejo como uma figura bruta e de natureza violenta, encontrada muitas vezes na literatura e no cinema, pode ser entendida como uma justificativa para o movimento do cangaço. As condições difíceis enfrentadas pelos habitantes do sertão, as opressões, os vãos moldando para a violência como forma de defesa e ataque. Sendo já de natureza violenta, quando não têm mais outra saída para resistir às circunstâncias, valem-se dela a seu favor.

É assim que em *Pedra Bonita*, o cangaço passa a se destacar nas narrativas de José Lins do Rego, depois que Aparício, após um ato de violência, decide seguir o destino do seu avô paterno e entrar no cangaço. Se destacando por sua agilidade com as armas e por sua impiedade, logo se torna o líder do grupo. A figura de Aparício, por estes e outros aspectos, assemelha-se à do lendário Lampião. São muitas as partes dos livros, especialmente de *Cangaceiros* (1957), que nos levam a fazer essa associação, tais como a cena que narra os encontros de Aparício com o padre Cícero, da vez que junto a seu grupo tinha ido até Juazeiro para receber a benção do padre e, ao chegar lá, o

governo do Ceará lhe pediu ajuda para enfrentar as tropas dos revolucionários, fazendo memória ao acordo que o governo queria fazer com Lampião, distribuindo armas para o seu grupo, para combater a Coluna Prestes, bem como a menção feita ao ingresso de uma mulher no bando, que seria a companheira de Aparício, o rei do sertão.

Para Mansur (2019), tanto Aparício quanto seu irmão, Domício, se valem do cangaço como refúgio. O episódio da entrada de Domício no grupo aconteceu quando ele, encantado pelo Santo da Pedra e dominado pelas crendices e pelo fanatismo religioso, torna-se um beato. Enquanto ocorriam os milagres e sacrifícios nas Pedras colossais, houve um ataque das forças militares a fim de acabar com o movimento, deixando muitos mortos, entre eles o santo. No momento do ataque, o bando de Aparício tenta dar apoio aos romeiros. Sem sucesso e com o chão já lavado de sangue, eles se retiram, e, nesse episódio, observamos mais um integrante no grupo: Domício.

Podemos associar a entrada do cangaço como refúgio também ao ingresso do cunhado de Bentinho, Zé Luiz, que procurou o grupo após cometer um crime semelhante ao de Aparício Vieira, bem como um rapaz de Pajeú que entrou para o grupo fugido da cadeia.

Além do refúgio, podemos associar o ingresso de Domício ao grupo cangaceirismo de vingança, vingança ao atentado contra o santo a que ele tanto se devotou, devoção esta que representa o misticismo do tripé: cangaço, seca e misticismo sobre o qual discorre o escritor. Em contrapartida a este misticismo/fanatismo religioso, temos a figura do padre Amâncio, representando a igreja católica. Ao descobrir o que estava acontecendo na Pedra, o padre se dirige até o local no intuito de desiludir o povo e evitar uma chacina, contudo seu esforço é em vão. O papel do padre Amâncio na narrativa pode ter a função de explorar o possível papel da religião cristã na sociedade, suas relações de poder e suas influências sobre as pessoas, isso fica mais evidente a partir de Bentinho, que, pela formação cristã que recebeu do seu padrinho, não se deixa levar pelo cangaço nem pelo fanatismo, vencendo pelo espírito a força da natureza.

O narrador apresenta outro personagem, Cobra Verde, que procura o cangaço por vingança: queria vingar a morte do seu pai, que havia sido assassinado pelos policiais “por questões de terra, numa petição de divisão”

(Rego, 2022, p.56). Ainda menino, se colocou para ser cangaceiro a mando da mãe. Apesar da pouca idade, com muita insistência foi aceito pelo capitão Aparício e logo mostrou a sua crueldade, “pois não é que o menino carregava o demônio no corpo” (Rego, 2022, p.56). Aparício foi criando estima pelo menino e, por tanta insistência dele, juntou os seus homens e cometeram a mortandade, “não ficou nem as galinhas no poleiro, Cobra Verde sangrou o velho Zé de Paula e fez até precisão na cara do defunto estendido no meio da mulher e das filhas mortas” (Rego, 2022, p.57).

A vingança no cangaço não se dava apenas por queixas dos integrantes, mas ocorria também por troca de favores aos coiteiros. O capitão Custódio, coiteiro do grupo de Aparício, arde pelo desejo de vingar a morte do seu filho, que foi assassinado com arma branca e enviado pelo assassino à casa dos pais em uma rede. A cena nunca saiu da cabeça do velho Custódio, que não teve coragem de vingar com as próprias mãos a desgraça do filho e que, por isso, sofre de tormentas todos os dias depois do ocorrido, ainda mais depois do falecimento da esposa que, segundo ele, morreu de desgosto após o fracasso do seu plano para matar quem lhe tirou da vida o filho, mas que acabou com a morte accidental do criado Fidélis. Conta o capitão:

A minha mulher Doninha quando soube do acontecido caiu no pranto. Num pranto desesperado. Nunca pensei que ela tivesse tanta força para chorar. Senhora dona Josefina, foi choro como eu nunca ouvi de ninguém. No outro dia estava em cima da cama e me disse: “Custódio, eu tinha mandado o negro Fidélis para o serviço. Deus não quis que ele chegasse no fim do meu mandado. Custódio, o nosso filho não foi vingado. E para quê viver com ele morto nas costas?” Uma semana depois Doninha morreu” (Rego,2022, p.26-27).

Sobre a morte de Fidélis, a sua irmã atesta que para o irmão teria sido “Mió que tivesse ido para o cangaço. Aparício não rouba dos pobres e castiga os graúdos” (Rego, 2022, p.39), e afirmando que, se tivesse cangaço para mulher, ela estaria nele, essa fala nos leva a pensar novamente no motivo das mulheres entrarem para a vida cangaceira. Os motivos desta personagem estão ligados à fuga da realidade dura em que o sertanejo vivia, sofrendo nas mãos dos poderosos. Através desta parte da narrativa, temos mais um retrato do cangaço como movimento de luta contra a opressão, no qual o foco era o castigo dos poderosos. Aqui, o escritor mostra também uma das perspectivas do povo sobre o movimento de bandoleiros, como o movimento que

apresentava a solução dos problemas, e era visto como algo tão bom pela mulher que lavava roupa na vertente do pé da serra, que ela mesma estaria no cangaço, caso fosse permitido.

Nessa visão, as atrocidades cometidas pelos cangaceiros eram sempre justificadas, seja porque lhe traíram, porque oprimia o povo, ou porque lhe faltaram com respeito, como no caso citado sobre Paus de Ferros, onde Aparício estava reunido com seus homens na casa do prefeito quando um “sujeito” decidiu desafiar o capitão, o que provocou a morte do desafiador e o estupro de todas as mulheres e meninas acima de 9 anos que residiam na localidade. A mulher descreve o ato aterrorizante como algo natural e justo, já que o homem teria se atrevido a querer matar o capitão do grupo de cangaceiros: “Pois não quiseram matar ele? (...) Cangaceiro com raiva, minha senhora, não tem lei de gente” (Rego, 2022, p.40). Contudo, o autor revela outra perspectiva sobre o cangaço por outra personagem que demonstra o medo e a revolta contra o grupo armado, dizendo:

Sabe a senhora, essa gente aqui desse sertão não sabe quem é Aparício. Aqui em Tacaratu e Jatobá ele não põe os pés. O coronel Leutério tem força muita e tem gente no cangaço. E é por isso que esse povo anda gabando as façanhas de Aparício. Eu sei o que ele tem feito por esse mundo de meu Deus (Rego, 2022, p.40).

Outros discursos entre os personagens deixam essa faceta negativa do bando bem explícita, conforme trazido através da família de Alice, que ao longo da narrativa tornou-se noiva de Antônio Bento. O mestre Jerônimo e toda a sua família nunca aceitariam Bentinho sabendo que ele era irmão de cangaceiro, para eles isso era um desgosto. Contudo, aparentemente, para o irmão de Alice Aparício era um ídolo. Após seguir o mesmo destino, seu pai revela que o “menino estava de cabeça virada com as histórias de Aparício” (Rego, 2022, p.217), e, antes mesmo de saber do ingresso do seu filho para o bando, presumia que seguiria esse rumo, e isso o ofendia. “Sou homem de matar, menino, mas de matar com a minha razão. Cangaceiro mata sem razão. Não. Vou ter desgosto com essa história do meu filho” (Rego, 2022, p.217). “Se Alice soubesse dessa sua vida, não se casaria mais com ele. Bem vira a raiva com que o mestre tinha falado dos cangaceiros. Na certa, o casamento estaria acabado” (Rego, 2022, p.202).

Ainda sobre as motivações que levavam à entrada para o cangaço, apresentadas pela perspectiva de Rego em *Cangaceiros*, é o cangaço de herança: quando o cangaço não é mais uma opção, é a única opção, a sina que os descendentes dos cangaceiros carregam. Alguns até gostariam de levar uma vida diferente, mas, pelo medo da perseguição que acabam sofrendo da polícia, veem como forma de proteção se tornar também um cangaceiro. O personagem Terto desabafa sobre “a vida desgraçada do sertanejo”, a família separada, as irmãs desonradas pela volante, a mãe sofrida pelas dores da família, e ainda um irmão no cangaço. Sabia que ali começaria o seu sofrer, - “com pouco todo mundo vai saber e a gente se aperreia tanto que só vai descansar quando cair também no cangaço” (Rego, 2022, p. 86). Quanto a Domício, a herança estava no seu sangue desde o avô e agora reforçada por Aparício. Essa era a sina dos Vieiras, como bem acreditava Sinhá Josefina. Pelo temperamento do filho cantador, sabia que ele “não se perderia assim. Mas que pode uma vontade de mãe? Pode mais é a sina de cada um” (Rego, 2022, p.35).

Já outros podem se deixar fascinar pelas histórias, pelo temor e respeito que recebem por terem familiares no cangaço, e, por essa visão romantizada e idealizada, ingressam no movimento por status. Ser família de cangaceiro, nestas obras, vacila entre a honra, o orgulho e a desesperança.

Quando Antônio Bento ainda vivia no Açú,

Aparício se transformava para o irmão num verdadeiro herói. Seria possível que fosse aquele monstro das descrições do povo? No Açú exageravam. Os soldados estavam vendo Aparício com olho de medo, aumentando o valor dele. No fundo, Bento se sentia orgulhoso do irmão (Rego, 2022, p. 225-226).

Por ser tratado com olhos diferentes por aqueles que lhe desprezavam na vila, pelo fato de ser irmão de Aparício, Bentinho via uma grande vantagem no parentesco. Seu prestígio ia crescendo, era respeitado e sempre abordado para dar notícias de Aparício. “E assim foi Bento se sentindo alguma coisa de superior, pelo seu parentesco com o cangaceiro” (Rego, 2022, p. 230). Terto também exprime admiração pelo seu irmão Germano, que ficou conhecido pela alcunha de Corisco, dizendo que tem orgulho dele pela sua valentia e por através do cangaço buscar vingar sua família (Rego, 2022, p.162). No entanto,

esse sentimento não é uniforme em toda a narrativa. Enquanto em *Pedra Bonita* Bentinho se apresentava como citado acima, em *Cangaceiros*, quando se vê desfrutando de um sentimento novo, sua postura muda. Se vê solitário na nova terra, a Roqueira, em que passou a morar com a sua mãe após a fuga do massacre de Pedra Bonita. No meio da desilusão, sentiu as dores de ser parente de cangaceiro. Não que já não tivesse sentido antes, quando com toda a sua família foi agredido, no dia em que a volante invadiu a casa dos seus pais em busca de Aparício, mas agora era diferente, pois estava amando. Alice era uma jovem bonita e poderia amar Bentinho com o “seu coração de donzela inocente” (Rego, 2022, p.80). Contudo, ele não podia amá-la. Não se sentia digno de amar ninguém.

Um irmão de cangaceiro só valia mesmo para o cangaço. Como poderia chegar perto da moça e lhe contar tudo dizendo que era irmão de Aparício Vieira? Não poderia nunca amar de verdade, era somente o irmão de Aparício, sujeito a padecer nas mãos do governo, a sofrer todas as desgraças (Rego, 2022, p.80).

Sinhá Josefina, mãe de Bentinho e dos dois cangaceiros, quais sejam, Aparício e Domício, é a personagem de José Lins do Rego que melhor representa as dores e sofrimentos de uma alma humana que vive as aflições de ser família de cangaceiro. A primeira parte do livro *Cangaceiros*, intitulada “A mãe dos cangaceiros”, dedica-se a descrever a padecente alma dessa mãe. A loucura de Sinhá Josefina representa o ápice dessa tensão, a morte do marido, os filhos no cangaço, tudo lhe doía, vivia em um cocuruto de serra escondido esperando o dia em que a sina levaria também Bentinho para o cangaço. O lamento de todos os dias:

Deus Nosso Senhor está me dando saúde para que eu possa pagar os pecados do meu povo, com esses meus olhos abertos e estes meus ouvidos na escuta. Tudo tem que doer em mim como não dói nas outras criaturas. O meu filho Domício se foi para o inferno e tu termina indo.

E olhou com os olhos de garra para o filho:

- Para que tu não fala, para que tu não me diz: Mãe, eu só estou esperando a hora da tua morte para cair na caatinga com os outros? (Rego, 2022, p.81).

A pobre mãe, que antes representava a fé e a resistência do sertanejo, que era uma figura alegre e que nutria tanto orgulho do filho criado pelo padre, se transformava em uma desconhecida para o filho. Não poderia se livrar da

sina que acreditava carregar e assim se perdeu na desesperança de ser “mãe podre”, se afundando na mais profunda loucura. Por vezes via em Bentinho o rosto de Aparício, o que ruiu a relação existente entre mãe e filho, e a levava a tais atitudes:

- Que vieste fazer aqui, demônio, raça de cobra, resto de gente? Não quero te ver mais, não quero que tu fique nesta casa. Bentinho não teve ânimo de levantar os olhos para ela. Calado e estarecido ficou, ferido no seu coração, no fundo da alma. E os gritos da velha foram crescendo:

- Sai desta casa, demônio, eu sei de tudo. Tu está aqui para me espiar, tu e aquele velho. Tu está aqui para me entregar a ele, para me agarrar como uma cachorra. Sai desta casa, desgraçado.

O rapaz não fez um movimento, tinha os membros arrasados, tinha o espírito em pânico. E com esforço extraordinário ergueu-se do chão e passou-se mais para longe, trêmulo, com o corpo inteiramente arrasado. Aí a mãe correu para dentro de casa e trancou a porta. Lá de dentro gritava, gritava sem parar. A lua cobria a casa de brancura. Pelas frestas da janela a luz da lamparina rompia até fora. Compreendeu Bentinho que aquilo era o fim de tudo. Romperam-se entre ele e a mãe as últimas ligações possíveis (Rego, 2022, p. 114).

A sina lhe pesou tanto que, diante dos desapontamentos que a vida lhe apresenta, encontra a única saída na morte. Enquanto Antônio Bento se deslocava de casa para avisar ao capitão Custódio, coiteiro que os acolheu na fazenda, sobre a doença de sinhá Josefina, recebe a notícia de que ela saiu pela redondeza atormentada, aos gritos, sem senso de sentido nenhum. Mesmo tomado pelo medo de encontrar aquela figura que não mais conhecia, voltou para casa junto ao mestre Jerônimo, pai de Alice, que ficou à sua espera no exterior da casa para não prejudicar mais ainda o estado mental da pobre mulher.

As pernas de Bentinho tremiam, um frio de morte entrara-lhe de corpo adentro, mas foi andando bem devagar como se estivesse num quarto, com receio de acordar alguém. Chegou no copião e não viu ninguém. A casa toda em silêncio. Foi à cozinha e o fogo estava apagado. Pôs os ouvidos para escutar, e nada. Aí criou mais coragem e empurrou a porta do quarto da mãe. Deu um grito de pavor. O corpo de sinhá Josefina pendia de uma corda, com a língua de fora e os olhos esbugalhados. O mestre já estava ao seu lado e com a faca cortou a corda. Sinhá Josefina estendeu-se no chão, rígida. O filho abraçou-se com ela, num choro convulso de cortar coração (Rego, 2022, p. 224-225).

Assim, acabou-se o sofrimento da mãe dos cangaceiros.

Com isso, percebemos que são muitos os que sofriam com a existência dos cangaceiros: os seus familiares, como a sinhá Josefina e Bentinho, as pessoas que sofriam seus ataques, as que eram saqueadas, estupradas ou açoi-tadas. Sofriam também os coiteiros que davam abrigo e mantimentos, que, apesar de receberem proteção do bando, enfrentavam as perseguições e vio-lência da polícia, a exemplo do capitão Custódio preso em flagrante transpor-tando munição para Aparício Vieira, mas logo depois foi solto pelo capitão Leu-tério, que cismou da falação que poderia sair por eles serem inimigos, poderi-am dizer que estava perseguindo o inimigo através da polícia, e os próprios cangaceiros que levavam uma vida que, ao mesmo tempo que era “luxuosa”, por dispor de muito dinheiro roubado, era sofrida.

Ao mesmo tempo que o escritor mostra as motivações para a entrada no cangaço e os estragos provocados pelos seus intrigantes, mostra também a realidade vivenciada na vida nômade, por exemplo, através do jovem, filho do mestre Jerônimo, conhecido no grupo de cangaceiros como Bem-te-vi, que ti-nha uma visão idealizada do movimento, mas ao adentrar nele percebe as difi-culdades e dissabores de viver no meio da caatinga, rastejando pelos espi-nhos, passando fome e sede, fugindo da volante e tendo que matar para não morrer.

A partir do exposto, vemos que as narrativas e as falas dos personagens mostram que o escritor não romantiza nem idealiza o movimento, ele reconhece o cangaço como movimento de insurgentes que foram oprimidos e sofreram as dores do sertão, mas que também causaram muita dor e sofrimento ao povo.

Os livros *Pedra Bonita e Cangaceiros*, através das narrativas envolven-tes mescladas de ficção e realidade, descrevem os fatos com uma crueza que permite ao leitor sentir as dores dos sertanejos envoltos de beatos e cangacei-ros, de coronéis e volantes, de loucura e lucidez. Um mundo, que, como dito por Silva (2020):

em que se misturam vivências de horror, de espiritualidade exacerbada, de fanatismo cego, de desejos de vingança, vio-lência extrema, mas que, em verdade, são todos emaranhados por uma mesma causa: a injustiça social e desumanidade (Silva, 2020, p.157).

É essa injustiça que José Lins do Rego denuncia através de suas fantásticas e envolventes histórias narradas nas obras em questão, fazendo uma forte crítica ao coronelismo, ao patrimonialismo e à ausência do estado nas terras do sertão, sertão sem lei nem rei, onde a lei que impera é a daquele que tem mais poder: os grandes coronéis, e que fazem nascer do meio do povo um rei coroado de chapéu de couro e tendo como cetro que simboliza seu poder, o rifle.

Segundo Silva (2020), o romancista busca nestas obras mostrar a resistência do povo sertanejo para sobreviver ao mundo que os cercam: a seca, o cangaço e a polícia, sendo que o cangaço já seria uma resposta de resistência daqueles que em sua maioria eram oriundos de classe baixa, que viviam “às margens do sistema social vigente e desamparados pelas autoridades, (e que) encontram no cangaço o único meio de resistência” (Silva, 2020, p.157), visto que, como já dito anteriormente, o poder estava centrado nas mãos dos coronéis, que eram os principais agentes opressores. Então, levados pelo desespero, seja pela infeliz honra de vingança, ou por quaisquer outros motivos, esses sujeitos marginalizados encontravam no cangaço sua forma de resistência, ainda que violenta e desesperada. Já que a justiça não era para todos nessas terras, buscavam justiça com as próprias mãos.

Esse poder não se limitava apenas a injustiças jurídicas, mas à ausência de política e às desigualdades sociais, cenário no qual as terras e o poder desse sertão sem lei estavam nas mãos desses coronéis, que se utilizam da violência e da coerção para continuar no trono. Não só os sertanejos mais desvalidos sofriam esse controle, mas também outros coronéis mais fracos para que não atingissem esse lugar de poder, como o Capitão Custódio, que era oprimido pelo Capitão Cazuza Leutério, que mandou matar o filho de Custódio e entregar o corpo na casa do pai com um recado. Esse tipo de violência imperava no sertão para mostrar em quais mãos o poder imperava. Diziam que viria “um grande das bandas da Corte com jeito de acabar com o governo” (Rego, 2022, p.62), mas, para Cazuza Leutério, não fazia diferença, pois ele acabaria mandando no grande assim como mandava nos pequenos.

Capitão Leutério representa o poder do latifúndio, enquanto o Capitão Custódio representa a desvalorização do ser humano, o sofrimento, ante as forças sociais que o oprimem, cenário onde os direitos sociais eram negligenci-

ados. Já que a lei não existia, criavam suas próprias leis para proteger suas honras através da vingança, pois não a cometer seria a maior vergonha do sertanejo. O Capitão Custódio sofre com sua vergonha em toda a obra *Cangaceiros*, o seu discurso redundante se repete durante toda a narrativa: era um homem desonrado, buscou se vingar através do cangaceiro Aparício, mas isso lhe consumiu a ponto de leva-lo à loucura. A perda da lucidez, tanto em Custódio, quanto em Sinhá Josefina, ou mesmo na “doida” que corria pelas estradas do sertão após sofrer um ataque dos cangaceiros, representa o ápice da violência física e psicológica causada pelo cangaço, pelos coronéis, pela volante e pela seca.

Contudo, como vimos anteriormente, embora o cangaço causasse muitos danos ao povo, para muitos era a resposta, o único poder capaz de enfrentar o de Leutério:

[...] que manda mais do que o governo. Jatobá e Paracatu é o mesmo que fazenda dele. E está tudo acabado. Foi assim na monarquia e assim entrou pela república, haja rei, haja presidente, manda Cazuza e está acabado. [...] Eu sei é que, hoje em dia, de nada vale o direito do voto. Manda Cazuza Leutério nas eleições e no júri. O resto é só conversa (Rego, 2022, p.47).

Por esse motivo o cangaço era aclamado por muitos sertanejos, como é trazido pelo escritor na fala de Custódio, que diz que Aparício Vieira era o único homem que merecia respeito por combater o governo, e que só saía do seu cocuruto de serra para votar, se fosse no nome do capitão Aparício Vieira, trazendo essa reflexão não como forma de defender a violência causada pelo cangaço, mas para criticar o governo e o coronelismo. A vida do cangaceiro era a salvação daquelas terras. Se não fosse ele, havia um poderoso como Leutério em cada canto (Rego, 2022, p.28).

Rego (2022) faz uma crítica à república velha, que no início do século XX se manifestava pelo Brasil. Segundo Teles (2014), a política brasileira, desde as suas primeiras iniciativas governamentais, desempenhou um papel na divisão das regiões em relação à agricultura, cultura, educação, saúde, entre outros. Enquanto o Sudeste do país, por haver políticos influentes naquela área, recebia maiores investimentos e crescia com uma agricultura rica cultivada pelos imigrantes e pelo próprio clima da região, o Nordeste sofria com negligência do estado, o latifúndio, a falta de política agrária. Os agricultores traba-

lhavam para os coronéis que exerciam o poder sem grandes recompensas, fazendo com que “o rico cada vez ficasse mais rico e o pobre cada vez mais pobre” e sem a colaboração do clima local que, devido à escassez de chuva, dificultava ainda mais o cenário. Teles (2014) destaca que as secas e o controle social provocado pelos grandes fazendeiros fizeram com que muitos sertanejos se revoltassem e buscassem respostas no cangaço ou no messianismo, como narrado na ficção de Rego (2022).

O escritor, se utilizando das falas dos personagens, faz também uma denúncia à forma como o governo buscava combater o movimento do cangaço, se utilizando da violência para acabar com a violência. O padre Amâncio falava com emoção: há vinte anos que morava no sertão e nunca vira o governo tentar outra forma de combater o cangaço. “Não sabiam escolher os perigosos, descobrir os maus. Iam em cima de criaturas mansas como se atirassem em cima de feras (...) e o cangaço assim aumentava sempre” (Rego, 2022, p. 218). Com o sofrimento dos inocentes causado pela volante nas suas buscas pelos cangaceiros, muitos se revoltavam e procuravam o cangaço como forma de vingança ou de proteção, assim o número de cangaceiros e a violência só ia aumentando.

Em suma, José Lins do Rego busca, a partir de suas obras, apresentar a cultura nordestina envolta de beatos e cangaceiros, porém, mais do que isso, retrata a vida sofrida de um povo que sofre com os fatores da ausência do governo, desigualdades sociais, seca, pobreza, latifúndio, desproteção pelo estado e violência, tanto do cangaço, quanto da polícia.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando iniciamos este trabalho de pesquisa, constatamos que o número de produções cinematográficas e literárias que buscam narrar o movimento quase mítico do cangaço era muito grande. Sendo assim, vimos a importância de tentar compreender sob qual perspectiva os cangaceiros são caracterizados nos filmes e livros.

Diante disso, a pesquisa teve como objetivo analisar as narrativas sobre o cangaço se atentando a observar como as histórias estão representadas na literatura e no cinema nacional, dando ênfase à literatura a partir de duas obras de José Lins do Rego, analisando como os mitos, estereótipos e a veracidade histórica aparecem e se misturam nas produções, a partir do título: a terra do sangue: o ciclo do cangaço na sétima arte e na literatura de José Lins do Rego. Ao analisar alguns filmes e livros que tinham como temática o cangaço, constatamos que o principal resultado mostrou que a arte da literatura e do cinema, além de buscarem fazer um resgate histórico e cultural, narrando os fatos acontecidos naquela época, se utilizam da ficção, tanto para tornar as narrativas mais atraentes, quanto para explorar questões sociais mais amplas e defender seus pontos de vista quanto ao movimento armado do cangaço. Em suma, a maioria das obras descreve a história do cangaço para criticar o sistema de coronelismo vivenciados naquele momento de crise enfrentado pelos sertanejos, como o surgimento de movimentos, como o próprio cangaço e os movimentos messiânicos, a luta do homem do campo para sobreviver à miséria, o desespero frente às adversidades da seca e a opressão latifundiária.

Durante a pesquisa, constatamos que o cangaço tem suas contradições, e, para compreender esse fenômeno se faz necessário sair do senso comum e observar o movimento para além da visão reducionista de herói ou bandido e dos estereótipos construídos ao longo do tempo sobre o movimento e seus integrantes (homens e mulheres). O cangaço foi um movimento que ao mesmo tempo que possuía uma idealização social como reação ao Estado e a opressão sofrida pelos grandes coronéis, buscava atender seus interesses pessoais, como a riqueza ou o poder. Essa complexidade se estende a participação das mulheres nos grupos, que engloba diversas motivações e anseios, bem como a

estética marcante do fenômeno lampiônico, que permanece nas apresentações, festas e nas telas do cinema fortalecendo a imagética do cangaço.

Quanto ao objetivo específico inicial, que visava investigar como o espaço molda as experiências dos personagens e influencia suas decisões e destinos, observamos, nos nossos estudos e análises sobre os romances de José Lins do Rego, que as intempéries causadas pela seca e pela ausência do poder estatal que negligenciava o sofrimento do povo influenciavam no crescimento e fortalecimento do banditismo no sertão.

No tocante à observação de como a figura dos cangaceiros é caracterizada nas obras *Pedra Bonita* e *Cangaceiros*, constatou-se que o escritor não defende nenhuma vertente sobre o cangaço: ele reconhece, através das narrativas, todas as crueldades e os crimes cometidos pelos integrantes do movimento, mas também expõe esses indivíduos como reagentes ao meio social em que viviam, de opressão e injustiça. Se fôssemos elencar os vilões em suas obras, estariam nesta ordem: o governo, os coronéis e os cangaceiros.

No que tange ao objetivo de analisar como o autor, através do resgate histórico, se utiliza da arte como uma denúncia social, notou-se que o autor parte da narrativa de fatos históricos encobertos de ficção, por meio dos discursos dos diferentes personagens, que representam o sertanejo que sofre opressão, pela seca e pela violência para denunciar as estruturas governamentais da época, a distribuição de poder e as desigualdades sociais provocadas por elas.

Os resultados levam à contribuição teórica dos estudos sobre o movimento do cangaço como insurgente da seca e como esse fato está abordado na literatura brasileira, visto que pouco se tem pesquisado no sertão a este respeito. Futuras investigações poderão ampliar a compreensão sobre a temática, sendo possível o aprofundamento da investigação sobre a dualidade entre a ficção e a realidade dos fatos históricos apresentadas nessas obras de José Lins do Rego, sobre o movimento do cangaço, bem como o do messianismo, visto que ambos surgiram como reflexo da opressão e desigualdade.

REFERÊNCIAS

ALVES, Gliverton Almeida. **Na terra, no inferno e no céu: o cangaço na literatura de cordel (1905 – 2001)**. Monografia em Licenciatura em História, Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras - PE, 2017. Disponível em: [GLIVERTON ALMEIDA ALVES - TCC. LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA 2017.pdf \(ufcg.edu.br\)](#) Acessado em: 29 de fev./ de 2024.

ALVES, Noelma Gomes. **Filha de Cangaceiros**, Paulo Afonso – BA, 2021.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. Editora Cultrix, São Paulo, 2012.

CANGAÇO ADERBAL NOGUEIRA. **Adília e sua vida sofrida no cangaço**. Youtube. 9 de jul. de 2019. 1 vídeo (16 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=g5m6qwiJUz0>. Acessado em: 28 de dez./ de 2023.

CANGAÇO ADERBAL NOGUEIRA. **Cangaço - Angico eu sobrevivi_ parte 1**. Youtube. 7 de jul. de 2021. 1 vídeo (19 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-rtGQIBsE0Y>. Acessado em: 19 de dez./ de 2023.

CANGAÇO ADERBAL NOGUEIRA. **Gato e Corisco invadem Piranhas, por Chiquinho Rodrigues**. Youtube. 17 de out. de 2021. 1 vídeo (24 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EWBPSTGWeJw>. Acessado em: 18 de dez./ de 2023.

CANGAÇO ADERBAL NOGUEIRA. **Gato Invade Piranhas**. Youtube. 6 de nov. de 2022. 1 vídeo (10 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=csq_Z9P3ZUI. Acessado em: 18 de dez. de 2023.

CARIRI ANGAÇO. **O Cariri Cangaço e a Invasão de Gato a Piranhas**. Blog. 2015. Disponível em: <https://cariricangaco.blogspot.com/2015/08/o-cariri-cangaco-e-invasao-de-gato.html>. Acessado em:

CEEC - CENTRO DE ESTUDOS EUCLYDES DA CUNHA. **Assim Era Dadá - A Vida Pós Cangaço de Sérgia da Silva Chagas (Documentário)**. Youtube. 9 de set. de 2019. 1 vídeo (49 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rlo0A2bMKZU>. Acessado em: 27 de dez./ de 2023.

CEEC - CENTRO DE ESTUDOS EUCLYDES DA CUNHA. **Feminino Cangaço (Documentário)**. Youtube. 27 de abr. de 2016. 1 vídeo (1 h e 15 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wsTCQ7LOeds&t=331s>. Acessado em: 29 de dez./ de 2023.

CHAVES, Luciano Gutembergue Bonfim. **A Estética do cangaço à luz das noções nietzscheanas de apolíneo e dionisiaco**. Disponível em: [A Estética do cangaço à luz das noções nietzscheanas de apolíneo e dionisiaco](#). Acessado em: 21 de nov./ de 2023.

CHAVES, Luciano Gutembergue Bonfim. **Da cabeça aos pés: a estética do cangaço** - Sobral-CE: Sertão Cult, 2021. Disponível em: [\(PDF\) Da cabeça aos pés: a estética do cangaço | Editora SertãoCult - Academia.edu](#). Acessado em: 12 de jan./ de 2024.

CLEMENTE, Marcos Edilson Araújo. **Lampião e o cangaço: trajetória de vida, histórias como flagelo (1920-1938)**. Revista Escritas do Tempo, v. 2, n. 4, p. 108-132, mar-jun./2020. Disponível em: [Lampião e o cangaço: Trajetórias de vida, histórias como flagelo \(1920-1938\) | Escritas do Tempo \(unifesspa.edu.br\)](#). Acessado em: 01 nov./2023.

COSTA, Ana Paula Rodrigues. Geografia do cangaço: concepções conceituais para pensar o banditismo sertanejo. **Revista do Departamento de Geografia**, Universidade de São Paulo. São Paulo, Volume 41, jun./2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rdg/article/view/174830>. Acessado em: 25 de jan./ de 2024.

FREITAS, Ana Paula Saraiva de. **A presença feminina no cangaço: práticas e representações (1930-1940)**. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Assis, 2005 disponível em <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/93408>. Acessado em: 30 de dez./ de 2023.

FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO. **Cangaceiros, Roupas e Apetrechos**. Youtube. 18 de junh. De 2020. 1 vídeo (13 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cZDKMPBa8Yc>. Acessado em: 20 de jan./ de 2024.

IOKOI, Z. (Org.). (2015): **Cangaço: Insurgentes do Nordeste Origens no Século XIX**. FFLCH - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP - Universidade de São Paulo. São Paulo. 2015. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/489303972/Cangaco-Insurgentes-do-Nordeste-Origens-no-Seculo-XIX>. Acessado em: 30 de out./2023.

MACÊDO, Heitor Feitosa. **Origem da palavra cangaço**. In: Estórias e História, dez.2014. Disponível em: [Estórias&História: ORIGEM DA PALAVRA CANGAÇO \(estoriasehistoria-heitor.blogspot.com\)](#). Acessado em: 27 out./2023.

MANSUR, João Paulo. **Literatura ou antropologia criminal? O cangaço em Pedra Bonita e Cangaceiros**. Universidade Federal de Minas Gerais, Studium Iuris, Belo Horizonte, MANA 25(2): 427-455, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/yNwqPTgWkklL5ZigGhs46Zb/>. Acessado em: 03 de maio de 2024.

MILAN, P. A moda de Lampião. **Gazeta do Povo**, 2010. Disponível em <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/a-moda-de-lampiao-26ohoct3wvy2p0942qutq2pu6/> . Acessado em: 16 de jan./2024.

MORAES, Lorena Lima Moraes, PORDEUS, Aimê Felix e SILVA Roseane Amorim da. Um olhar de gênero sobre o cangaço. **Cadernos Pagu** (67), 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/MGbm8cxwhgDWrRnVs4fw5pb/>. Acessado em: 05 de jan. de 2024.

O CANGAÇO NA LITERATURA. **Entrevista com Dadá/ CNL/ 646**. Youtube. 5 de dez. de 2020. 1 vídeo (16 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-zSvYnvt-1A>. Acessado em: 16 de jan./ de 2024.

O CANGAÇO NA LITERATURA. **Iventário completo dos objetos da grotá/ CNL/ 1047**. Youtube. 8 de abr. de 2022. 1 vídeo (12 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aQUn2eaLF1o>. Acessado em: 17 de jan./ de 2024.

PIRANHAS, Secretaria Municipal de Turismo. **Bem-vindo a atração Museu do Cangaço!** Disponível em: <https://turismo.piranhas.al.gov.br/museu-do-cangaco>. Acessado em: 19 de dez. de 2023

REGO, José Lins do. **Cangaceiros**. 16. ed. Global Editora, São Paulo, 2022.

REGO, José Lins do. **Pedra Bonita**. 16. ed. Global Editora, São Paulo, 2022.

SILVA, Alexandre Alves da. e ALENCAR, Alênio Carlos Noronha de. Os cangaceiros na literatura brasileira. Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA Centro de Ciências Humanas-CCH. **Revista Homem, Espaço e Tempo**. Set. 2008. Disponível em: <https://rhet.uvanet.br/index.php/rhet/article/view/41>. Acessado em: 26 de fev. de 2024.

SILVA, Edivânio Caetano da. Pedra Bonita: Uma epopeia da literatura e história brasileira. **Travessias Interativas**, São Cristóvão - SE, N. 19 (Vol. 9), p. 62–73, jul-dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/Travessias/article/view/12680>. Acessado em: 08 de maio de 2024.

SILVA, Edivânio Caetano. Resistir para existir: uma análise da obra cangaceiros, de José Lins do Rego. **Revista de Literatura, História e Memória**. Unioeste /Cascavel - p. 154-170. V. 16 – N. 28 – 2020. Disponível em: (PDF) [RESISTIR PARA EXISTIR: UMA ANÁLISE DA OBRA CANGACEIROS, DE JOSÉ LINS DO REGO \(researchgate.net\)](https://www.researchgate.net/publication/351111111). Acessado em: 25 de maio de 2024.

TELES, Fátima. O cangaço, o latifúndio e as oligarquias. **Vermelho**. Brasília, 2014. Disponível em: <https://vermelho.org.br/2014/09/12/o-cangaco-o-latifundio-e-as-oligarquias-3/>. Acessado em: 27 de maio de 2024.

TV CULTURA. **Provocações 113 com Frederico Pernambucano - bloco 01**. Youtube. 6 de jun. de 2012. 1 vídeo (12 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=l_YrVqpJGGk. Acessado em: 24 de jan./ de 2023.

VARJÃO, Thiago de Brito. As mitologias do sertão através do cinema e literatura. **Letras de Hoje**, v. 53, n. 4, p. 517-525, out.-dez. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/lh/a/HJcJVkptmh3mwKV7JPRNcNt/>. Acessado em: 26 de jan./ de 2024.

ANEXOS

ANEXO A - Fotos dos pertences de Lampião expostos no Museu do Sertão em Piranhas- AL

Figura 4 - Adagas (punhais) de metal



Fonte: (SANTOS, VALDIVINO, 2014 – DIRETOR DE TURISMO DE PIRANHAS)

Figura 5 - Cigarreira Aplaca



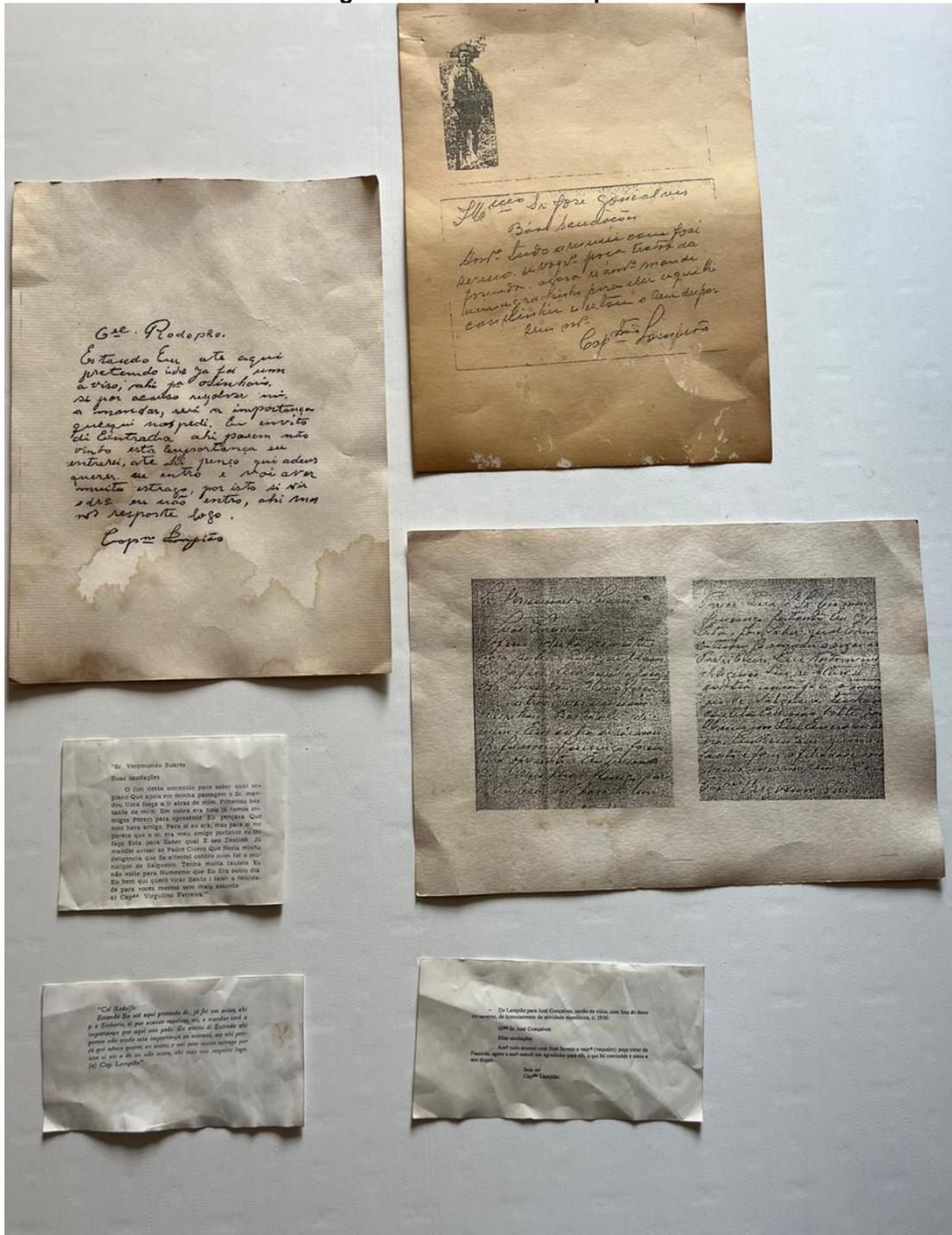
Fonte: (SANTOS, VALDIVINO, 2014 – DIRETOR DE TURISMO DE PIRANHAS)

Figura 6 – Cantil de alumínio e couro



Fonte: (SANTOS, VALDIVINO, 2014 – DIRETOR DE TURISMO DE PIRANHAS)

Figura 7 – Cartas de Lampião



Fonte: (SANTOS, VALDIVINO, 2014 – DIRETOR DE TURISMO DE PIRANHAS)

Entrevista concedida pelo pesquisador e escritor do cangaço, membro da Academia de Letras de Paulo Afonso – BA, fundador da Academia Brasileira de Letras e Artes do Cangaço, da Sociedade Brasileira de Estudos do Cangaço, do Conselho Consultivo do Cariri Cangaço, cofundador do Grupo de Estudos do Cangaço de Pernambuco e colaborador da área cultural do município de Paulo Afonso.

Entrevista a Ayrila

Universidade Federal de Alagoas – Campus Sertão

Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa

1. Para iniciar, gostaria de convidá-lo a compartilhar um pouco sobre como surgiu esse interesse de pesquisar e escrever sobre o cangaço.

- Sou um pesquisador, tenho grande curiosidade acerca dos assuntos do Nordeste. Desde cedo leio muito e pesquiso vários temas. Sobre Estrada de Ferro (tenho 4 livros), sobre outros temas (4 livros) e especificamente sobre o cangaço (são 18 livros).

Meu interesse sobre o assunto surgiu no ano de 2001 ao conhecer o grande pesquisador Antônio Amaury e daí não parou mais. Até próximo de sua morte “trocávamos figurinha”, fizemos 2 livros juntos e meu interesse sobre o tema só aumentava. Morando em Paulo Afonso, região geográfica que foi palco de eventos e terra de inúmeros cangaceiros, me debrucei no tema. Não é fácil, descobri a abrangência do assunto na região e a literatura existente até então não cobria os acontecimentos. Passei a buscar informações em documentos. Tenho grande acervo de jornais da época, relatórios do governo, da Polícia Militar da Bahia, nos arquivos públicos de vários estados e outros documentos oficiais e particular do período, em várias instituições, para ter uma radiografia real dos acontecimentos. Resolvi transformar essa extensa pesquisa em livros e socializar essas informações. Neles, não faço análises ou comentários. A riqueza é o documento que vale por si.

2. Antes de entrarmos no detalhe do cangaço, o senhor poderia nos fornecer uma breve visão geral do cangaço e explicar por que é importante discuti-lo e estudá-lo ainda hoje?

O cangaço tem sua abrangência histórica cronológica desde o século XVIII, com mais ênfase no século XIX. Mas também não podemos esquecer que na época de Maurício de Nassau (1637-1644), quando se despediu, voltando para a Holanda, ele faz uma carta informando a quantidade de grupos, de um grupo específico que assaltava as estradas e a região metropolitana, região geográfica que eu posso dizer região da Zona da Mata de Pernambuco.

Ele já denunciava, naquela época, que existiam bandidos, pessoas que assaltavam e que eram do próprio grupo de invasores, ele que foi um desertor dos exércitos invasores da Holanda.

Ainda no século XIX existiu grandes nomes do cangaço como: Jesuíno Brilhante, Meia-Noite e Antônio Silvino que chegaram até o século XX. Também o período de Sinhô Pereira, que foi chefe de Lampião e que defendia em arma, e já agia como cangaceiro, assaltando e matando. Depois dos anos 20, de 1920 até 1940, se considera o período lampiônico. Lampião morre em 1938, mas Corisco continua até sua morte em 1940, finalizando o ciclo lampiônico.

É importante discutir com seriedade a história como aconteceu naquele período, para entendermos e separarmos o que foi real do que é passado e entendido por muitos como “verdade”, pela mitificação que foi dada ao personagem. Devemos estudar sem as paixões que podem muitas vezes contaminar a interpretação e o entendimento dos acontecimentos.

3. Agora que temos uma base sólida, gostaria de começar com uma pergunta inicial sobre o cangaço. Sabemos que há muitas controvérsias e mitos sobre o movimento do cangaço, em suas pesquisas quais foram os mitos e controvérsias associados ao estudo e à interpretação do cangaço nos dias atuais?

Mitos e controvérsias no cangaço são muito comuns nos dias de hoje. Principalmente pelo desconhecimento que existe, pela maioria das pessoas, do que realmente foi o cangaço. Mesmo entre os estudiosos, dependendo do nível de conhecimento, há distorções. Principalmente sobre a morte de Lampião. Já se escreveu livros sobre o assunto, onde se afirma que Lampião não morreu na Grotta de Angico. Que ele teria sobrevivido e se publica isso e vai para imprensa e se faz reportagens, mas é tudo coisa sem muita base histórica, sem pesquisa. Se criam esses fatos sobre ele, se ele sobreviveu ou não ao Angico, sobre o próprio combate de Angico. São teses absurdas, de que nunca existiu a morte de Lampião, que ele morreu em Minas Gerais já velho, outros já falam que ele foi para Campina Grande. Me refiro a reportagens, matérias e livros que são publicados com esse tipo de informações, sem base histórica. Isso perde a credibilidade de qualquer pesquisador sério.

Hoje, com o advento das redes sociais, apareceram muitos “especialistas”, apresentando falsas verdades. Na minha opinião são pessoas que, querendo aparecer, elaboram teses que se mostram absurdas.

Então, quando se interpreta o cangaço nos dias de hoje, existe até um movimento aí chamado novo cangaço à que não tem nada a ver com o cangaço do Lampião. Esse “cangaço” de hoje é uma distorção aprofundada pela grande imprensa corporativa, que, conhecendo o assunto de forma superficial, e adaptando à modernidade, a tecnologia, uso de veículos, coisas que no cangaço de Lampião nem se cogitava usar, divulgam tentando fazer um

paralelo que não se aplica, a meu ver. O máximo foi o uso de animais de montaria, cavalos ou burros. Os cangaceiros usavam outros métodos e táticas.

4. Como o senhor descreveria a influência do cangaço na cultura e na sociedade brasileira, tanto historicamente como nos dias atuais?

Nos dias atuais se percebe claramente a influência do cangaço.

Só de filmes, para se ter uma ideia, são mais de 50, além de novelas e minisséries. Cordéis tem mais de 400, só do tema cangaço. Livros já ultrapassam 700, onde Lampião é o principal ator, que formam quase uma biografia dele. Os livros mostram as ações de Lampião e seus grupos ou subgrupos, num recorte de tempo e espaço, em regiões geográficas, e em vários livros se vai formando uma cronologia de sua atuação, como se fosse um quebra-cabeça que vai sendo montado, uma verdadeira colcha de retalhos. Afinal foram mais de duas décadas de atuação de Lampião pelo Nordeste. À medida que se vai aprofundando nas pesquisas, vai se descortinando os costumes, o vestuário, estilos, as danças, nos acontecimentos do período retratados pelos livros. O vestuário e as danças tão apreciadas pelos cangaceiros, hoje permanecem nas festas e apresentações, principalmente pelo Nordeste afora. A partir de certo período, os cangaceiros incorporam em seus trajes, chapéus, adereços que hoje identificamos claramente como símbolos do cangaço. São influências do período que os cangaceiros se vestiam daquela forma e hoje é copiado. Os trajes, o chapéu, a roupa, tudo isso era claramente visto nos famosos “bailes” regados a música, promovidos por eles sempre que possível, entre uma proeza e outra dos bandos.

5. Levando em consideração que o cangaço continua vivo na cultura, na história e na memória do povo brasileiro, e que isso se propagou para a literatura e para o cinema nacional, em que medida as representações do cangaço na literatura, no cinema e em outras formas de arte refletem ou distorcem a realidade histórica? Existe uma diferença significativa entre a realidade histórica do cangaço e as representações populares ou artísticas desse fenômeno?

A realidade histórica do cangaço é mal interpretada, tanto pelo desconhecimento mesmo e, quando ocorre uma pesquisa, ela é, na maioria das vezes, superficial, falta um estudo mais cuidadoso. Isso tem como consequência uma distorção significativa. Vemos isso, claramente, na maioria das representações populares e artísticas, onde o cangaço é pano de fundo. É aquela história, por exemplo, no cordel, para salvar a rima sacrifica-se a verdade, que fica em plano secundário.

Existem cerca de 90 livros de ficção, além de diversas outras formas de representações culturais populares e artísticas sobre o cangaço.

A licença poética, o desconhecimento, a preocupação de deixar o produto de forma vendável, vai consolidando na mente das pessoas uma história diferente da realidade acontecida.

6- Como o senhor explicaria, de modo geral, a tese do cangaço como forma de resistência social?

Não vejo o fenômeno do cangaço, após todos esses anos de pesquisa, como forma de resistência social, da forma como entendem alguns. A realidade, os fatos como se desenrolaram, suas causas e motivações, não me levam a essa conclusão. Entendo esse fenômeno como consequência da omissão ou falta da presença do Estado. Embora o banditismo ocorresse em todo o país também naquele período, no Nordeste se deu de forma muito peculiar e a interpretação daqueles fatos concretos, não está sendo ainda estudado com a profundidade necessária. Hoje esse estudo vai ficando mais difícil devido à disseminação de informações, principalmente nas redes sociais, onde vemos uma proliferação de grupos onde a verdade dos fatos acontecidos não é a preocupação principal e se divulgam absurdos como sendo verdades.

Reconheço como uma falha dos historiadores, talvez por ainda não terem se aprofundado o suficiente nesse assunto, principalmente o cangaço lampiônico, mais próximo de nós. O cangaço foi um fenômeno social, sim, mas, complexo na sua interpretação. O movimento iniciado por Lampião, inicialmente como reação a uma omissão do Estado, mas que se individualizarmos o interesse de cada cangaceiro e do próprio Lampião, veremos contradições. Ao mesmo tempo que ele foi um fora da lei, apoiava o sistema. Ele tinha seus interesses pessoais e do seu grupo e fazia acordos com grandes coiteiros. Teve a capacidade de se aliar aos coronéis mais importantes do Nordeste, que também tinham seus próprios interesses econômicos e se aproximavam dele. Então esse tipo de interpretação é muito abrangente e não se consegue fazer um resumo do que foi o fenômeno lampiônico. Avalio que Lampião tinha consciência de classe, ele tinha consciência da classe que ele pertencia, família de pequeno proprietário, um almocreve pequeno, e seus interesses batia com a questão do Poder, que era daqueles que tinham poder econômico, mais terras, propriedades e que podiam contratar jagunços e ter força com a polícia, assim, o Poder.

7- Como o cangaço é percebido hoje, tanto academicamente quanto pela população em geral? E como o senhor percebe o cangaço?

A população em geral está no início ainda do conhecimento desse tema. Acho que tem uma visão elitista e romantizada, devido à influência de novelas e

séries televisivas, que não mostram fatos históricos, mas ficções sobre o assunto. As gerações pós cangaço tiveram muitas dificuldades para ter acesso às informações, existiam poucas obras publicadas e os pesquisadores e historiadores pioneiros tiveram as dificuldades inerentes ao tempo que viviam, pela questão do acesso aos locais, condições de transporte, custo e tempo, pois a maioria deles eram de outros estados. Não eram muitos os livros e trabalhos sobre o tema.

Os Acadêmicos, só mais recentemente começaram a se interessar. Participando e assistindo inúmeras conferências, a partir de 2010, ou seja, há quatorze anos atrás, percebi que o interesse ainda era muito pequeno, eram poucas as teses apresentadas. Vejo esse movimento dos acadêmicos com esperança. Que cresça esse interesse, leve a uma melhor compreensão dos orientadores e estudantes em geral e a Academia seja referência para a interpretação dos acontecimentos desse tema que é tão instigante e faz parte de nossa história.